

instituto de arte contemporânea

MAIS CÔRES PARA O SENHOR



O Senhor já pode saber o que Londres manda para 64. Tanto a roupa feita sob medida como a comprada pronta terão a mesma característica: estilo arrojado, marcantemente... masculino. As linhas suaves e naturais são abandonadas nos ombros; êstes surgem retos, enquanto o torax é largo, acentuado ainda mais pela cintura marcada.

moda

PALETÓ DE DOIS BOTÕES

O comprimento pode descer no máximo até uma polegada. Cai o número de botões, os paletós têm apenas dois, quebrando uma regra já monótona, e as lapelas são mais largas e compridas. Em tudo, presente o efeito arrojado. As calças, por contraste, adotam linha esguia. Sendo acentuadamente finas, ressaltam ainda mais o aspeto definido e corajoso dos «jackets». Em matéria de detalhes, saiba o senhor que para as «roupas-passeio» estão sendo usados dois cortes laterais, em lugar de um único corte atrás, e os bolsos, às vezes, aparecem oblíquos.

O colête retorna. Geralmente cortado curto na frente, deixando-se ver bem a gravata e a camisa. É de material idêntico ou distinto do paletó, com uma única carreira de botões ou trespasado por duas, e as lapelas (que não são obrigatórias) são dos mais diversos tipos: uma variedade de aspectos do constante colête. Para os jovens, um toque de «dandysm»: colête mais comprido que o normal, próprio para as calças modernas de corpo curto, desenhado especialmente por Hardy Amies, o alfaiate preferido da nova geração londrina.

EM TRÊS PEÇAS

Pelo que se viu na última feira de Outubro, realizada pela «National Association of Outfitters», em Harrogate, Yorkshire, parece que o senhor em breve estará usando um... três peças. Isto é: paletó, calça e colête.

E na monotonia do tecido dito sério surgiu uma grande modificação. Normalmente, quando existia a necessidade de um terno formal, a escolha caía sempre sobre tecidos de um cinza sóbrio, azul marinho, ou mesmo preto. Agora há uma variedade muito maior de cores e desenhos, embora

inglês

permaneça o ar de seriedade. Aliás, sua roupa nunca deve perder este ar. Principalmente quando fôr tratar de negócios.

Penetrou esta inovação na Inglaterra até mesmo no que existe de mais tradicional e conservador: o Saville Row. Utilizou este, por exemplo, um vermelho ameixa em quadrados «ton sur ton», ou então quadrados azuis e pretos. Produzida na finíssima lã Huddersfield, o mais aristocrático tecido do mundo, esta nova «roupa-passeio» tem tudo para agradar ao «top business man».

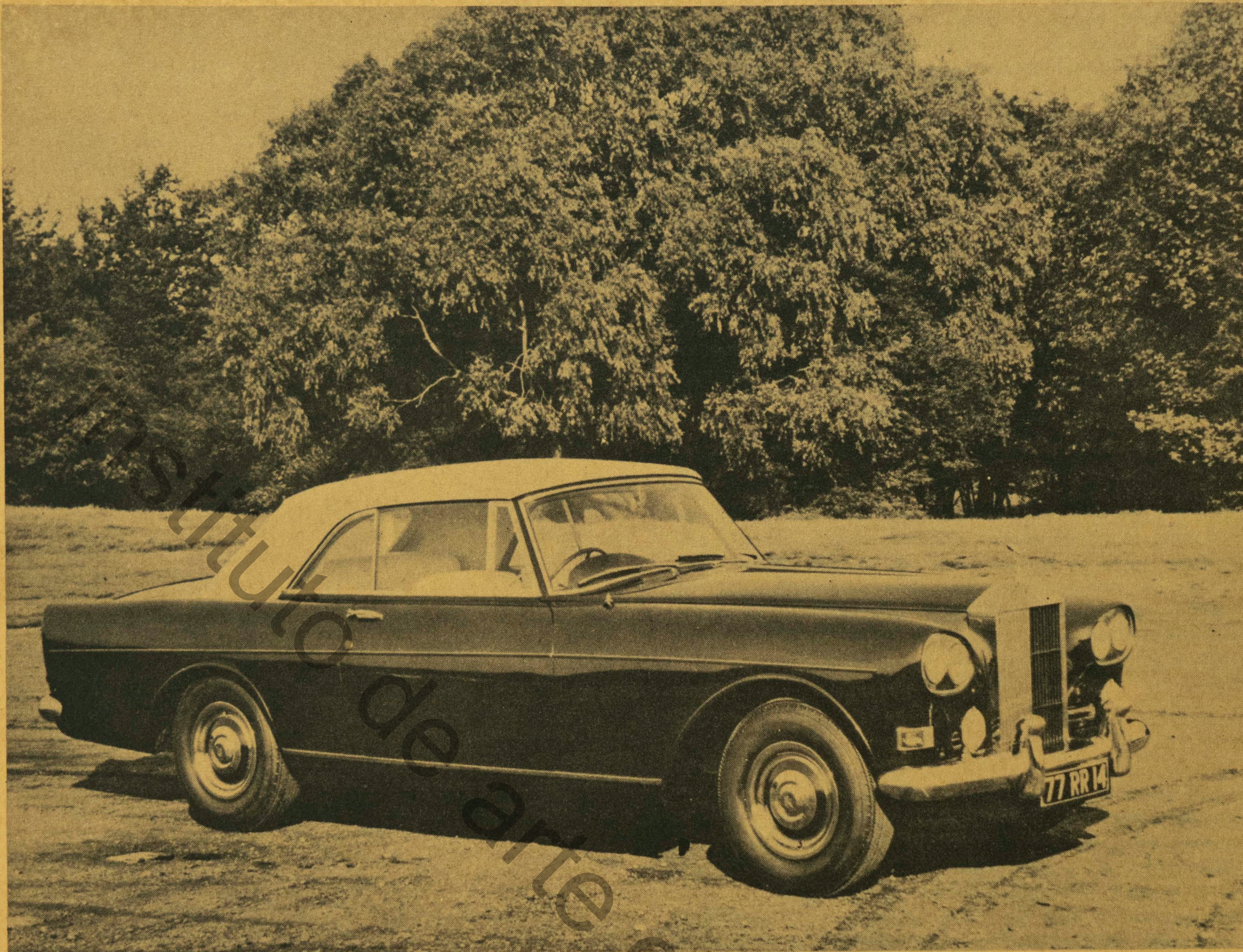
Alguns mais ousados — neste abandono dos tons escuros — usam preto com vermelho-sangue de boi, preto com azul real, preto com verde oliva e tons marrons, em quadrados ou efeitos de manchas que agradam principalmente aos jovens. Saiu o cinza chumbo, que durante tanto tempo foi o preferido destes, e em seu lugar surge a nova roupa original, mas não muito vistosa.

TUDO AZUL

Tecidos azuis: esta foi a cor preferida pelo British Menswear Guild. Um azul bem marinho sem a menor sombra de vermelho ou púrpura. Para as suas horas de ócio um azul mais vivo. Há também o abandono das misturas suaves pelos matizes mais violentos, como os contrastes preto e branco. A última palavra em matéria de textura são os quadrados bem definidos pelos contrastes dos fios.

O último lançamento do «Men's Fashion Council» é o chamado «tonal suit». Quebra êle a idéia convencional de que calças e paletós sejam idênticos. A nova transformação, porém, é bastante diferente da introduzida por um famoso alfaiate londrino do último ano. Para êste eram usados dois tipos e padrões de pano e o toque era dado justamente por esta diversidade entre paletós e calças. Agora não existe uma coincidência total, mas há uma certa afinidade de cor e tipo entre os dois tecidos diferentes usados. Trata-se da informalidade... formal.

Assim o «Council» recomenda que sejam «jackets» e «trousers» da mesma textura. Mas suas cores e padrões podem variar. Por exemplo: o paletó de azul brilhante é usado com calças de listas finas e azuis, também em lã. O colête pode ser idêntico e contrastar em cor e material.



A Rolls Royce não produz apenas sóbrios sedans, mas também modelos coupés e conversíveis, como este «Silver Cloud III», com carroçaria «Park Ward H.J. Mulliner».

automóveis

Antônio Spina D'Alessandro

de prestígio

Antigamente, quando o automóvel era ainda privilégio de nobres ou de pessoas muito abastadas, existiam certas marcas cujos modelos, construídos em pequena escala, eram destinados a uma clientela de soberanos, chefes de Estado, membros de famílias reais e alguns poucos milionários que fôsem julgados, pelas fábricas, dignos de possuírem aquelas jóias mecânicas. Esses automóveis, quase todos feitos sob encomenda, eram construídos a mão pelos melhores artesãos, que utilizavam os mais extravagantes materiais — madeiras preciosas, finíssimos couros da melhor procedência, cristais, prata — e, trabalhando com carinho e devoção, produziam exemplares julgados tecnicamente perfeitos. A famosa «Bugatti La Royale» foi criada por Ettore Bugatti para seus clientes coroados, como Alfonso XIII, da Espanha, o irmão do rei da Bélgica, um dos príncipes da Suécia, e alguns magnatas norte-americanos, que desfilavam com seus carros nas estações elegantes da Deauville. E como os «Bugattis», os «Isotta Fraschinis», os «Hispano Suizas», os «Pierce Arows», muitos dos quais sobreviveram ao passar dos anos, tornando-se hoje um exemplo daquilo que não mais se pode obter ou produzir, pois tudo tende à produção em série, à popularização. Contudo, ainda hoje são produzidos, tanto na Europa como nos Estados Unidos, automóveis de grande classe, para uma elite apreciadora do conforto, do luxo, da perfeição — e da ostentação, já que o automóvel tornou-se também uma forma de evidenciar posição e fortuna.

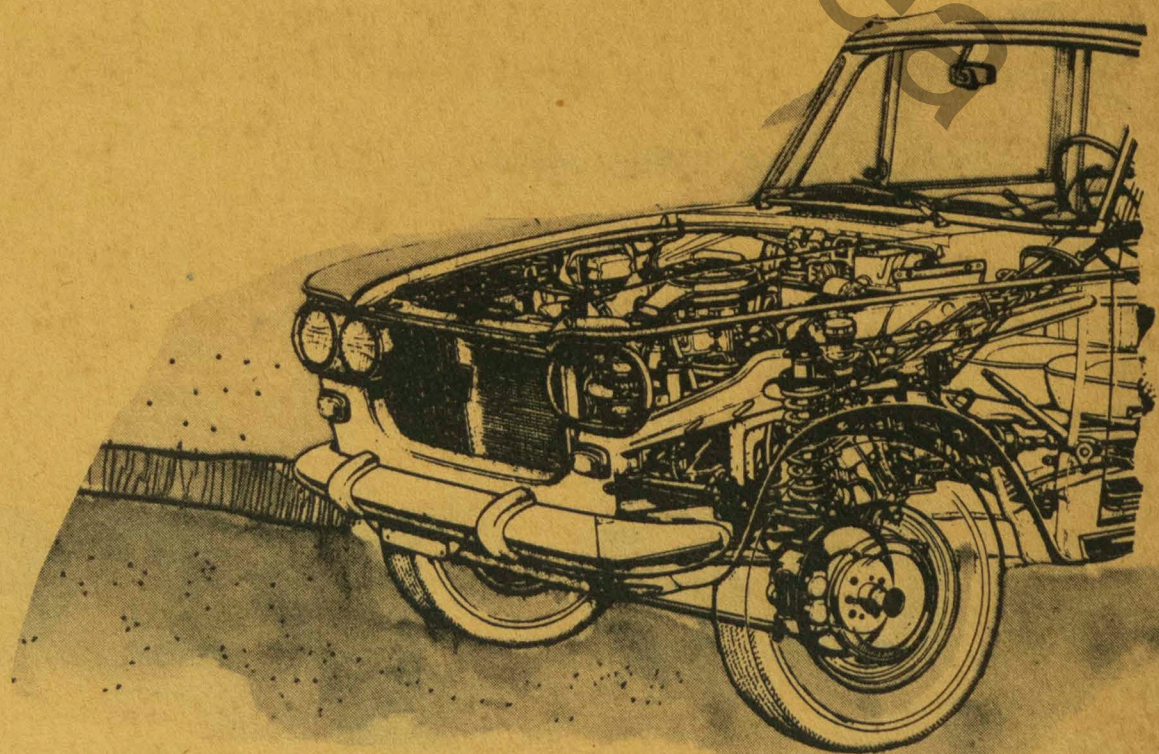
Nesse grupo de carros estão as «limousines», que possuem grande distância entre eixos, o que dá um amplo espaço interno, existindo um banco intermediário, escamoteável — esses autos são os preferidos pelos chefes de governo e pelos titulares das representações diplomáticas.

Encabeçando a lista dos melhores automóveis atualmente produzidos está o «Rolls Royce» (ver SENHOR de setembro de 63), cujo modelo «Phantom V» é considerado o mais exclusivo automóvel do mundo. Segue-o de perto a produção da Mercedes Benz, que em 1963 lançou um modelo para rivalizar com o R.R., o «600», tipo limousine. Outros dois autos ingleses de grande prestígio são o Daimler, com seu imponente modelo «Majestic Saloon», e o «Bentley», também fabricado pela Rolls Royce, mas diferindo dos outros modelos pelo formato da grade do radiador.

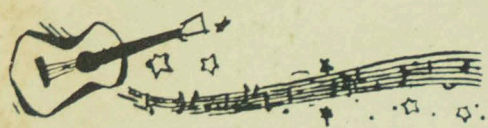
Nos Estados Unidos, o «Cadillac», o «Lincoln Continental» e o «Chrysler Imperial», produzidos, respectivamente, pela General Motors, pela Ford e pela Chrysler Co., com modelos sedans, coupés, conversíveis e limousines, são os mais luxuosos. O presidente Kennedy foi assassinado a bordo de uma «Lincoln Continental», especialmente fabricada para o chefe de Estado norte-americano, e que levou quatro anos para ser projetada.

A França, utilizando motor Chrysler V8, produz o «Facel Vega», outro auto de prestígio; a Itália comparece nesta lista com dois carros esportivos, a «Ferrari» e a «Maseratti», que atraem os milionários apaixonados pela velocidade e pelas máquinas de avançada concepção técnica.

E, finalmente, o «Zil», elegante e ostentosa limousine, muito semelhante a um «Packard» de alguns anos atrás, produzido pela República Socialista Soviética, para uso dos altos membros de seu governo e dos embaixadores no exterior.



VITRINE



VIOLÃO... música repousante
que «toca» nosso coração!



MEIO SÉCULO DE TRADIÇÃO. FABRICANDO O MELHOR VIOLÃO
FABRICA, LOJA E EXPOSIÇÃO: R. VOLUNTARIOS DA PATRIA, 2353 — FONE: 3-8934



CAPRI
IMOBILIÁRIA LTDA.

PLANEJAMENTO E VENDAS DE IMÓVEIS

Av. Rio Branco 156, 6.º and. gr. 609/10
Ed. Av. Central tels.: 52-7013 e 52-7323

GALERIA COPACABANA ARTE

Av. Copacabana, 643
telefone 57-6224

MARIA GERALDA
expondo este mês

NOVA SALA COM ACÉRVO:

DJANIRA, PANCETTI, IBERÉ
PORTINARI, INIMÁ, VISCONTI,
B. LECHOSKI, SANTA ROSA e outros.



Óleo de Maria Geralda



RUA GONÇALVES DIAS, 75 - 1.º AND. / RUA DOMINGOS LOPES, 833
TEL: 42-2137 / MADUREIRA

A VERDADEIRA HISTÓRIA DA EXPULSÃO DO JOVEM BACO DO OLIMPO, PELO SENHOR SEU PAI, O DEUS ZEUS, SEGUNDO OS MAIS ANTIGOS TESTEMUNHOS ou DE COMO EVITAR A RESSACA

Conta-se que, de uma feita, Zeus amanhecera muito preocupado com certos rumores que corriam o Olimpo. À boca pequena, a ala maledicente da montanha, liderada por Mercúrio, o mensageiro, comentava horrores de seu filho Baco — era um louco, um subversivo, um perigoso deus de esquerda, e até corruptor de seres humanos...

Zeus, deus severo e conservador, muito do reaçã, procurava não dar ouvidos a êsses mexericos, mas se até Minerva, a Reta, já lhe fôra contar que as tais festinhas íntimas promovidas por seu filho e Afrodite estavam se tornando um escândalo, um autêntico sintoma da desagregação social no Olimpo? Urgia uma providência, e imediata.

O único problema era o flagrante, a prova concreta. Não havia corpo de delito. Ninguém sabia onde os deuses se reuniam para tais «competições». Criaram-se CPLs, foram feitas as mais secretas investigações, oráculos especiais foram chamados, e nada; Baco continuava impune.

Exasperado, Zeus, já quase sem moral, resolveu apelar para a ignorância: enquadrou Baco na Lei de Segurança Nacional, baseado em que seu filho comparecia a sua presença, diariamente, na mais absoluta e definitiva ressaca. O argumento não era dos mais conclusivos, mas estava salva a honra da Montanha.

P.S. — Baco só entrou nessa fria porque não conhecia ENGOV do Instituto Medicamental Fontoura (um ou dois comprimidos é bater e valer) — o melhor remédio para aquele gostinho de cabo de guarda-chuva mal passado.

ML: O senhor é considerado um dos grandes poetas de seu país. Mas, independentemente do valor de sua obra, sobre a qual espero que possamos falar no decorrer de nossa conversa, o que surpreende é o fato de ao poeta aliar estranhamente a condição de homem de negócios. De um modo geral, literatura e comércio são coisas que não se ajustam muito bem. Mas, em seu caso, teria ocorrido fenômeno inverso, pois, ao que suponho, o seu sucesso como industrial não tem sido menor que como homem de letras. No entanto, pergunto se isto não teria ocorrido em prejuízo do poeta, traído por aquelas outras atividades.

AFS: Fui uma pessoa que revelou desde os primeiros anos de vida escolar uma incapacidade completa para me fixar nos estudos. Não tinha nenhuma memória num tempo em que o bom estudante era o que se lembrava na ponta da língua dos problemas que estudava. Aprendi a ler em francês, na Suíça, em colégio. Depois todos os meus estudos consistiam em ler as coisas que gostava de ler. Qualquer esforço para fixar a atenção em um assunto, numa matéria para a qual não sentia nenhuma inclinação, resultava em vão. Era algo de penoso. Basta dizer que, menino, estudante de geografia, não conseguia absolutamente decorar os limites do Brasil. Não havia meio de guardar os nomes. Em matéria de matemática, a minha incapacidade afligiu muito minha mãe. Não havia meio de aprender. Assim, desaparecidas e desfeitas as esperanças de que eu pudesse me encaminhar para uma carreira liberal, fui pôsto, menino e moço, na vida do comércio.

ML: Se não me engano, o senhor nasceu no Rio.

AFS: Nasci no Rio, sim. Na rua Marquez de Abrantes.

ML: Qual a origem do Schmidt, de seu nome?

AFS: Meu pai chama-se Gustavo Schmidt. Era filho do Visconde Frederico Augusto Schmidt. Meu avô era um homem de boa fortuna. Ao que parece pertencia à melhor sociedade mundana de seu tempo. Tinha uma casa de tecidos por atacado na rua da Alfândega, 70. Meu avô materno, João José de Azevedo, era guarda-livros da casa de meu avô paterno. Não tenho nenhum avô estrangeiro, nem avô nem avó. Vem de longe a família Schmidt aqui no Brasil. Sou Azevedo, sou Teles de Menezes, e outros muitos nomes se incorporam invisivelmente ao meu nome germânico de Schmidt. Meu pai nasceu no Rio, minha mãe na Bahia, meu avô Azevedo em Pernambuco, minha avó e minha tia Filomena de Menezes Miranda, a quem devo carinhos maternos, são naturais da cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Enfim, muitas são as minhas ligações com as partes mais diferentes desse nosso país.

ML: Em muitos de seus escritos em prosa há frequentes referências a uma figura que me parece haver exercido influência sobre o senhor ou que pelo menos deve ter deixado fortes traços em seu espírito. Refiro-me a sua avó.

AFS: Minha mãe morreu quando eu tinha 16 anos. Ela esteve durante muitos anos doente, tuberculosa. Viveu em sanatório em Leyseim, na Suíça. Estêve em Campos de Jordão. E minha avó e minha tia foram as pessoas que se ocuparam das três crianças: minhas duas irmãs e eu. Minha avó e minha tia eram duas irmãs, filhas de um baiano

instituto de arte contemporânea



que se integrou na vida sul-riograndense, lá casou e constituiu uma família numerosíssima, de 14 filhos. Tinha um comércio de chapéus de sol; vendia, consertava chapéus de sol. Creio que também chapéus de cabeça. Revelação da bondade humana, através de sofrimentos, recebi dessas duas mulheres que me acompanharam até à maturidade. Uma morreu com 94 anos e a outra com 90.

ML: Levado ao comércio nessa idade, a que chamou de menino e moço, a nova atividade se apresentou ao senhor como uma vocação ou apenas como uma imposição, já que não eram muitos, na época, os caminhos a escolher?

AFS: Minha mãe ficou viúva muito pobre. E eu me senti no dever, na necessidade de não pesar em seu modesto orçamento. Isto não quer dizer que eu não poderia ter estudado se tivesse qualquer vocação para o estudo. Só não estudei porque fui um estudante modelarmente nulo e que só se distinguiu nas aulas pelo gosto de ler poesia e páginas em prosa em voz alta.

Eu não tinha vocação para o comércio. Eu não tinha vocação para coisa nenhuma. Era um ser absolutamente pasmo, surpreso diante da vida. Fui para o comércio porque não tinha outro jeito. Não queria ser vagabundo; não podia ser vagabundo. Pertencia a uma família de gente decente, para quem a vida era um dever. E minha mãe, muito moça e doente, distinguia-se por uma força de vontade terrível. Basta dizer que de cama, tuberculosa — morreria poucos meses depois — me preparava ela própria para os exames finais que se faziam no Colégio Pedro II. Tirei quatro desses exames por decreto. Depois me inscrevi para fazer mais quatro. No primeiro exame, o de geografia, fui retumbantemente reprovado, por haver declarado, aos professores surpresos, que o Brasil era limitado ao sul pelo Peru. Esse exame, para o qual eu tinha me preparado, e esse Peru, tão deslocado, decidiram meu destino. Com grande tristeza, minha mãe se convenceu de minha inaptidão completa e total. «O comércio é sempre uma escola. É possível que você aprenda mais trabalhando que nos livros». Era a última esperança. Passei a labutar como ajudante de caixeiro na Casa Barbosa Freitas. Depois ingressei na importante e suntuosa casa Costa Pereira & Cia., que foi a minha universidade. Era uma casa tão ortodoxa em matéria de comércio, que o fato de usar eu óculos provocava um certo desagrado, como se fôsse isto uma pretensão, uma nota de pedanteria, uma aspiração a intelectual. Óculos só eram realmente aceitos de interessado para cima. Ao entrar para a casa Costa Pereira & Cia. devorava-me uma ambição imensa: a de ser caixeiro viajante. Trens, navios, malas me seduziam. Eu fazia parte de uma seção em que eram arrumados os mostruários dos caixeiros viajantes. Quantos sonhos, quantas palpitações de esperança, enquanto, sob as ordens do sr. Pinto Vieira, eu punha nas malas dos viajantes os bons artigos de outrora, os perfumes franceses, os tecidos vindos de todos os países do mundo, os artigos de armarinho, importados numa época em que não havia problemas de divisas, um tempo em que o Brasil era bem menor e bem melhor que o Brasil de hoje.

Já disse uma vez que nunca traí a poesia pelo comércio. A verdade é que a poesia, as letras, os livros, enfim, só começaram a me seduzir depois que eu pertencia à raça dos homens de comércio. Comecei a escrever, a rabiscar coisas nas lojas, nos balcões de lojas, e depois no escritório da serraria de Nova Iguassú, em que fui vago gerente. Foi nessa serraria que nasceu o «Canto do Brasileiro». Não posso deixar, já que insiste nas raízes de minha vida, de lembrar que quando abandonei a casa Costa Pereira, por desentendimento em torno de uma caixa de botões, levei dois anos desempregado. Foi nesses dois anos que caí na literatura, que li dia e noite como um naufrago, que tive um encontro primeiro com os autores.

ML: O período em que o senhor começou a se voltar para a literatura não coincidiu com as primeiras preocupações pela vida pública? Suponho que foi nessa fase que o Brasil começou a ser agitado, a dar mostras de inquietações que o levariam mais tarde a um processo verdadeiramente revolucionário.

AFS: Era um homem voltado para o problema literário. O Brasil não existia. Existia a revelação do amor, a revelação da morte, a revelação da maldade dos homens, a revelação da bondade dos homens, o problema das afinidades dos seres, dos seus conflitos e das suas esperanças. A minha passagem pelo comércio, interrompida por um breve momento, não me trouxe a visão de coisa alguma, a não ser de uma experiência pessoal restrita. Eu não via nada. A preocupação com o Brasil, que hoje é qualquer coisa de absorvente em mim, praticamente não existia.

ML: Parece-me estranho. Mas nesses anos em que o senhor começa a se deixar dominar pela paixão literária, já havia acontecido a guerra de 1914, a revolução russa, e no Brasil ocorreram alguns pronunciamentos políticos e sociais que faziam prever o que viria anos depois.

AFS: Nesse tempo, 1927, 1928 e 1929 foram os anos de comêço, de inquietação em torno do Brasil e de seus problemas. Três homens exerceram sobre mim influência: Jackson de Figueiredo, Plínio Salgado e Alceu Amoroso Lima. Plínio Salgado, antes do integralismo, era homem completamente diferente do homem político que se tornou depois. Foi ele que me chamou a atenção para o habitante desconhecido do país, para a pobreza e para o drama, para o mal da política, que eu via tão pouco e de maneira tão insuficiente. Jackson de Figueiredo, além da atenção que prestava aos problemas do homem em face do eterno, era uma criatura eminentemente política. Procurava a estruturação da política brasileira dentro de uma ordem inspirada pela lei moral e pelas forças espirituais. Ele tinha para mim a vantagem de afirmar o contrário de tudo quanto eu lia na imprensa. Seu desprezo pelas coisas simpáticas e populares constituíam uma lição de grande valor. A Alceu Amoroso Lima devo o contato com uma natureza generosa e com um homem preocupado por todos os problemas do espírito. O que lhe devo é inesquecível. Humilde empregado em uma serraria em Nova Iguassú, anônimo, ele me prestou uma grande assistência. Já crítico consagrado, perdia seu tempo escrevendo-me longas cartas, mandando-me livros, pondo-me a par de problemas quando eu era menos que nada. Dêses três homens, por mais surpreendente que seja, é com Jackson de Figueiredo que ainda me sinto ligado. Digo de uma certa maneira, falando em afinidades na maneira de conceber alguns problemas. Reconheço a falta de muitos elementos essenciais a uma doutrina de vida na ação de Jackson. Creio que dou um valor muito maior aos problemas da liberdade humana do que ele dava. Mas algumas afirmações que ele fez a respeito da ordem no Brasil continuam válidas.

ML: A sedução que havia em seu espírito com relação a Jackson de Figueiredo, aliado ao que o senhor chama de respeito à ordem, como manifestação da ortodoxia católica, não o induziria a certo totalitarismo em política?

AFS: Um dos homens em que Jackson exerceu maior influência foi Alceu Amoroso Lima. E era um anti-totalitário. Posso me considerar eu também um anti-totalitário. Sempre fui. Se eu posso definir como um estado pendular, o que, para facilidade de expressão e não de orgulho, designo como de meu pensamento, é que sempre oscilei entre a Justiça e a

Ordem. Nunca pude admitir que a ordem se fundasse na injustiça. E nisso, segui o meu mestre, o homem que mais influência, de todos os autores, teve em meu espírito, que foi Charles Peguy. Só concebo ordem como efeito da justiça.

ML: De quando data essa influência de Peguy em seu espírito?

AFS: Ela só se fez sentir em 1929. Foi quando comecei a ler Peguy. Li dois autores nessa época: Peguy e Maurras. Li muito Maurras. Admirei muito Maurras, mas nunca aderi a Maurras. Para Maurras, a ordem valia mais do que a justiça. A arquitetura do catolicismo primava sobre a mística, sobre a própria essência do catolicismo. A influência de Maurras foi puramente formal em meu espírito. E pode se resumir na atração para alguns temas e mais nada. Peguy foi uma lição em profundidade. Foi um guia. Hoje o leio pouco. Passou a idade das influências. Mas de vez em quando me surpreendo ao ver que as minhas idéias coincidem com as coisas que aprendi nêle, com a sua lição, com os seus conceitos.

ML: Nessa fase já recuada, quanto ao que me parece, o senhor começava a tomar consciência da vida, que influência êsses princípios exerceram em seu espírito para a compreensão dos problemas de seu país?

AFS: Quero dizer que em 1930, já morto Jackson, diante do fenômeno da revolução, da campanha da Aliança Liberal, eu, que não tinha a menor ligação com o governo, que era um pobre rapaz, fiquei contra, absolutamente contra a revolução de 1930.

ML: Apenas por uma questão de ordem...

AFS: Por uma questão de ordem, de necessidade e já por uma incompatibilidade, não consciente ainda, com o irrealismo teórico dos revolucionários de 1930, para quem o Brasil era uma pura formalística e uma paixão meramente política. Eu não sabia ainda bem o que queria, mas já senti que estava faltando alguma coisa que hoje posso distinguir o que seja: a ligação entre o homem político e a realidade nacional, os problemas brasileiros. Acho que a minha posição diante da revolução de 1930 define muito mais o que foi a minha juventude do que qualquer outro acontecimento ou palavra que eu tenha escrito. Vi com o coração partido quebrar-se a legalidade no Brasil. Assisti a esta cidade revolucionada, apalpei os perigos que a desordem pode trazer a uma nação ainda em estado de se constituir. O drama de 1930 foi uma grande lição. Reconheço que as teorias revolucionárias e as linhas da batalha política de que o meu amigo João Neves da Fontoura foi o pregador máximo, na sua brilhante liderança da oposição na Câmara, não importaram em coisa alguma, vitoriosa a revolução. Os que derubaram a legalidade para que o voto popular fôsse legítimo, cristalino, sem mancha, para que a democracia fôsse exatamente à semelhança e imagem das idéias de Rui Barbosa, tiveram que implantar a ditadura. Uma longa ditadura. Coisa estranha, porque os vencidos não constituíam nenhuma forma de perigo, eram pobres políticos superados.

ML: Para uma melhor compreensão de seu pensamento e da evolução pela qual o senhor passou, gostaria de esclarecer certas referências, como aquelas que dizem respeito às influências de Peguy em sua formação.

Se não me engano, o ideal de justiça que existe permanentemente no pensamento de Peguy levou-o a reconhecer que era na ordem católica que êle atingia sua maior expressão. Entretanto, não via essa ordem católica estaticamente, mas ao contrário reconhecia a necessidade de ser ela mesma profundamente atualizada, a fim de que as gritantes di-

ferenças sociais, sobretudo na ordem material e econômica, fôsem minoradas ou eliminadas para que todos os espíritos pudessem ter possibilidades semelhantes de elevação mística e de elevação transcendente. Ao lembrar essas tendências do pensamento de Peguy, de quem o senhor disse ter sofrido a maior influência, ocorre-me naturalmente indagar se na ordem social essa influência foi igualmente poderosa em seu espírito.

AFS: Essa pergunta suscita não apenas uma definição sobre o pensamento de Peguy como toca fundo num problema de consciência, digo de consciência como homem que defendeu idéias e atuou, não importa se pouco ou muito, no plano intelectual. Sua pergunta, mesmo que não tenha sido esta a sua vontade, implica numa espécie de crítica. Como um homem que declara ser a justiça um dos dois polos de atração de seu espírito — o outro é a ordem — não pode ter deixado de atuar pelo advento de uma maior justiça social. Vou tentar explicar-me, coisa que não fiz até hoje. Em primeiro lugar desejo lembrar, desejo reconhecer que entre os defeitos do meu espírito avulta a inclinação de nunca desejar estar a favor da corrente. Assim foi no plano literário. Quando o nosso chamado modernismo era uma pequena força ridicularizada, combatida, desprezada, fui o que se chamou na época, ridiculamente, um modernista. Quando a coisa social. Não havia mais nada. Tudo estava ligado, esnobismo, quando o verso livre, a mania de escrever errado, começaram a conquistar as mais fechadas resistências da burguesia intelectual, sopra-me na alma a melancolia do clássico, a aspiração da ordem, o gosto pela coisa bem escrita.

Diante do problema social, a minha reação foi mais ou menos idêntica.

Quando comecei a dar conta da existência de certos problemas, todos os homens de letras, os aprendizes de política, os meus companheiros de geração, viviam medusados pela coisa social. Não havia mais nada. Tudo estava ligado penetrado, saturado pelo social. O esquerdismo triunfava em toda a parte. Não havia mais nada que não fôsse a luta pela esquerdização do Brasil. Foi aí que me julguei, já que o problema social tinha em todos os meus companheiros de geração defensores de toda a espécie, no dever de proclamar a existência do amor, da morte, das coisas eternas da alma humana.

Quando todo o pensamento brasileiro, posteriormente, passou a defender princípios críticos, que importavam praticamente na socialização de um país em que nada havia para socializar, principiei a lutar e a bater-me pela tese do enriquecimento nacional. Minha idéia, minha convicção, minha certeza é a de que não haverá nenhuma justiça social nem o resto, quer dizer, nem cultura, nem decência política, nem coerência, nem nação realmente armada para enfrentar os perigos do mundo moderno, sem que se dê no Brasil a operação do enriquecimento. O resto, o que se disser em contrário, é pura incapacidade em compreender a realidade em seus termos autênticos, é infixação, é incultura. Estamos neste momento colhendo os frutos disso. A política trabalhista, tão legítima a princípio, quando pleiteou coisas legítimas, transformou-se numa ameaça ao enriquecimento nacional. O Brasil está condenado, ameaçado de morte e de paralisação, se não se verificar uma reação que, em última análise, constituirá a própria defesa dos trabalhadores e da justiça social. Em breve não teremos preço de custo normal para coisa alguma. Não podemos ter navegação, nem mesmo de cabotagem, em competição com nenhum país, nem mesmo com os mais avançados em matéria social. Ser-nos-á impossível a ferrovia, a siderurgia, qualquer outra atividade, se tivermos de nos conduzir diante da concorrência estrangeira.

Mas não quero situar o efêmero, a conjuntura polêmica neste depoimento que lhe estou prestando e que desejo conser-

var numa linha mais alta e em consequência mais duradoura. O caso de Peguy, que com tanta argúcia coloca, foi o de um militante socialista, o de um filho de operário e camponeses, militante socialista que evoluiu para uma compreensão total do universo, total da grandeza do homem.

A figura de Peguy transcende das limitações da militância socialista; a experiência de Dreyfus jogou-o num debate íntimo com o problema da própria justiça. Daí êle evoluiu e cresceu para uma configuração mística do universo. Do pensamento político, do pensamento social rumou para a poesia, para a concepção do mundo visto através da realidade da poesia. De uma posição crítica, socialista, evoluiu até tornar-se um homem, um poeta do Cristo, do drama do Cristo, da glória do Cristo. Eu não tive nada dessa grandeza, dêsse destino. Minha poesia limitou-se a revelar um mundo inquieto, um homem inquieto, eternamente visitado pela idéia da morte e perecimento de tôdas as coisas. No que toca à vida pública coube-me êste papel inglório, sáfaro, impopular de defender a realidade contra tôdas as deformações de espírito teórico e as deformações do espírito excessivamente prático, erradamente prático, prático demais.

ML: Permita-me que insista no tema de minha indagação anterior. Cotejando ainda as influências de Peguy e Maurras em seu espírito, não me posso furtar, com tôda a franqueza, à impressão de que a sua atividade é mais conforme os ideais de Charles Maurras, não como legalista, mas como paternalista. Aliás, a sua sedução por Jackson de Figueiredo confirma esta minha impressão, que decorre da afinidade que parece haver existido entre aquêle e Charles Maurras. Como êste, se me permite empregar expressões usadas pelo senhor, para Jackson a «ordem valia mais do que a justiça» e nela «a arquitetura do catolicismo primava sôbre a mística, sôbre a própria essência do catolicismo». Embora não seja um conhecedor da obra de Jackson, o que sei a seu respeito me leva a acreditar que o seu legalismo, baseado num sentimento dogmático do nacionalismo e do tradicionalismo, o situa numa posição que ousou chamar de precursora das tendências totalitárias do pensamento brasileiro.

AFS: Naturalmente eu não estou de acôrdo com os termos de sua pergunta. Mas como nenhum de nós dois é totalitário, há uma ocmpleta liberdade de perguntar e responder. Jackson de Figueiredo não foi para mim um autor. Êle não teve nem tempo nem condições de vida para escrever uma obra. Mesmo no tempo em que êle vivia eu não era um entusiasta nem mesmo um grande apreciador do que êle redigia, do que êle formulava. Para mim êle foi uma lição viva e não escrita. Poderia ter sido algumas idéias em matéria política com Maurras, mas foi um anti-maurrasiano. Para Jackson de Figueiredo a base de tudo era a certeza da eternidade do homem. Nunca teria sido um totalitário na hora em que os processos totalitários se chocassem com a defesa da liberdade do homem. Um pensador, um espírito para quem Deus era uma certeza, teria sido o mais radical inimigo do paganismo monstruoso que fundou sua doutrina nas idéias e preconceitos de raça e numa contrafação do super-homem.

ML: Ao fazer a pergunta que o senhor acaba de responder, pensava em certas contradições que me parecem flagrantes no que diz respeito às suas relações com a Igreja. Creio que nesta o senhor se encontra muito mais nos seus aspectos puramente formais, em seus sentimentos de disciplina e de ordem, no que o seu senso de ortodoxia pode coincidir com suas aspirações e tendências no plano social e material da

vida, que pròpriamente naquilo que nela há de elevação mística. O senhor já afirmou certa vez não ser um espírito religioso e que todo o seu ser se inclina a não ver nada mais além da vida. Esta confissão induz-me naturalmente a admitir que o agnóstico que se esconde no senhor se encontra com a Igreja Católica no que esta tem de força estabilizadora daquelas instituições que correspondem ao seu ideal de vida

AFS: Se é possível dar forma a um desconhecimento maior do que eu sou, creio que a sua pergunta atingiu à perfeição. Já me resignei a ser um desconhecido. Mas essa resignação não vai ao ponto de me impedir de tentar esclarecer tôda vez que uma oportunidade se oferece.

Quero repetir a minha confissão de que tudo em mim me inclina para ver na morte o fim de tôdas as coisas. Tudo menos a esperança. A Igreja Católica não é para mim uma força conservadora dessa sociedade. Aliás, as tendências revolucionárias no campo social da Igreja crescem todos os dias. A Igreja Católica é para mim alguma coisa que conserva, rememora, repete, a mensagem do Cristo. Cada dia mais sou um pior católico. Um católico faltoso, mas cada dia mais toma corpo, cresce no meu espírito a figura do Cristo. Se há um acontecimento de importância na minha vida, se há uma bóia neste mar que é a minha existência, como é a existência de todo o mundo, se há uma coisa sólida dentro de mim, é a compreensão e a presença do Cristo. O Cristo legendário, o Cristo infantil, o Cristo, direi mesmo, formal, o Cristo que herdei das tradições católicas, está se despedindo de mim e dando lugar ao nascimento de um nôvo Cristo, de um ser fraterno ligado ao meu ser. Se eu posso revelar um fenômeno nôvo na história de meu espírito é a aparição dêsse Cristo, que passou a significar agora uma esperança de libertação, de ponto final ao reinado do terror e da morte. Vejo um Cristo como uma expressão de supremo equilíbrio, de compreensão. O que me importa na Igreja Católica é que ela tenha contribuído para, de geração em geração, fixar a figura dêsse Cristo. Como está vendo, não tenho com a Igreja nenhuma relação convencional. A Igreja me oferece a árvore do Cristo e os seus frutos, quer dizer, me oferece o caminho pelo qual eu posso fugir das inclinações negativas do meu ser, da tendência de ver na morte o fim de tôdas as coisas.

ML: Há todavia outro aspecto que me parece curioso em sua personalidade e que, mais uma vez, põe em relêvo aquelas contradições a que antes aludi. Refiro-me à seguinte constatação: a de haver conservado sua obra poética isenta ostensivamente das influências que me disse haver sofrido em sua formação. Isto me faz pensar que o senhor considera a obra de arte algo independente de sua ação e de seu pensamento militante. No senhor Murilo Mendes, por exemplo, sua poesia, que me parece penetrada profundamente de espírito cristão, leva-o, além de atitudes de amor para com o próximo, a certo inconformismo para com a vida social. Creio que o mesmo poderia dizer com relação a Jorge de Lima, cuja obra poética está muito penetrada do social. Entretanto, a sua poesia é caracteristicamente egocentrista, egocentrismo que é a sua maneira lírica, mas que não corresponde, por exemplo, à linha de Peguy, a cujo pensamento o senhor se diz filiar. Aliás, êsse egocentrismo poético parece-me corresponder àquela sua atitude diante da vida ao exclamar, num momento de abandono: «O que me importa sou eu mesmo, e o que diz respeito a mim e aos meus, aos que amo, aos que estão ao meu lado».

AFS: Quanto a Peguy, não tem absolutamente razão. Sua prosa está ligada a todos os problemas polêmicos de seu tempo. Discussões sôbre a coisa econômica, sôbre matéria

política. Mas a sua poesia é um esforço para cantar, celebrar e revelar que o próprio sobrenatural é também carnal. É uma poesia em que o universo teológico de Peguy se revela. É uma poesia incontaminada. Não é uma poesia social. Quanto a mim, poeta de episódios, a minha poesia reflete os meus conflitos, e o verdadeiro homem que eu sou. E nada mais, o que quer dizer já uma grande coisa. Se de alguma coisa me orgulho neste mundo é de ter conservado pura minha poesia, através do tempo, de qualquer sentimento polêmico ou de qualquer influência ideológica. Nunca me foi possível fazer poesia política. Todas as tentativas nesse sentido foram fracassadas. Isso porque eu sou um homem político e não um poeta político. Sou um poeta, mas sinto-me, de certa maneira, um político. Um político não militante, preservado da corrupção política porque nunca teve senão uma carreira imaginária, uma carreira fora dos quadros da política, um político sem escravidão. Político que não precisa, para realizar-se, trair as suas idéias, dizer o que não pensa, pregar hoje o que ontem combateu. É isto não por ter evoluído, mas por submissão à tática. Felizmente, aos cinquenta e sete anos, posso dizer: mantive a minha coerência, uma fidelidade a mim mesmo, através de todas as fases da minha vida. Examinando-me com a mais completa isenção posso declarar que nunca as minhas condições pessoais de vida influíram no meu pensamento.

Aos vinte anos, dono de um único terno de roupa, sem nenhuma perspectiva na minha frente, resisti a todo o ressentimento esquerdistas. Já me chamavam nos idos de 27 e 28 de reacionário, quando nunca fui reacionário. Aprendi muitas coisas, vi o mundo, conheci homens, participei de grandes acontecimentos, fui combatido, negado, mas no que toca à essência do meu pensamento, à concepção da existência humana, em nada, absolutamente em nada mudei. Com todos os meus erros, com tudo que a minha posição possa ter de condenável, até mesmo, mantive-me unido comigo mesmo. O que pode chamar de contraditório, de conflituoso, de incompreensível, é, no entanto, e apenas, uma irretroatável coerência. Não digo isto com orgulho. É possível que o meu caminho estivesse errado desde o começo. O que quero deixar firme é que ele foi um só. Nunca fui comunista para receber elogios, para ser poeta nacional, para ser traduzido em diversos idiomas, para fazer parte de uma maçonaria internacional. Nunca fui defensor da ordem para obter favores e vantagens. Fui o que errada ou certamente as minhas inspirações me levaram a ser.

ML: Sua estréia literária ocorreu, se estou bem lembrado, em 1928, com a publicação de O Canto do Brasileiro. Este seu poema representava uma reação aos exageros do modernismo, às suas tendências iconoclastas, destruidoras das influências anteriores do parnasianismo e do simbolismo e de todos os convencionalismos acadêmicos. Mas — pergunto — havia nessa sua atitude apenas uma reação puramente estética, literária, ou ela já representava uma oposição de seu espírito àquelas influências mais extremadas do modernismo que iria depois conduzir, em política, muitos de seus representantes a um engajamento nas esquerdas, como uma espécie de desencanto em face da redescoberta das condições de vida, de abandono e de miséria do homem brasileiro? Neste caso sua reação já implicava numa tomada de posição sob aquelas influências de seus companheiros, na época à extrema direita?

AFS: Quero responder que nunca fui um homem de extrema direita. Posso dizer mesmo que fui tão de extrema direita como fui de extrema esquerda. Posso ter sido um homem de direita durante as fases de opressão da esquerda. Não quero apresentar fôlha corrida, mas lembrar apenas que en-

tre os poucos brasileiros que protestaram, que escreveram artigos, duante a ditadura mais severa, contra a prisão de Graciliano Ramos, estava eu incluindo. Isto nunca seria uma atitude de extrema direita, me parece. Agora, quando o estalinismo, que dominou durante um certo período os homens de minha geração, queria dar um caráter de propaganda política à manifestação literária, coloquei-me decididamente contra essa servidão opressiva.

Para responder de maneira mais pertinente ao que desejei dizer o meu velho Canto do Brasileiro, quero apenas esclarecer que se houve qualquer espécie de reação foi a do homem, a do espírito humano, um pouco que se sente sufocado pela mania do tema brasileiro, pela chatice da redescoberta do Brasil. Foi tudo isso sem imaginar nenhuma repercussão, sem calcular nenhum efeito.

O modernismo nasceu para mim na conferência de Graça Aranha, na Academia Brasileira de Letras. Eu não sabia bem o que era. Não tinha escrito nada ainda. Mas era um aspirante às letras, um leitor, um homem que se preparava inconscientemente para escrever. As palavras de Graça Aranha me deram uma euforia, espevitaram em mim qualquer coisa que eu não sabia o que era. Ele aconselhava a voltar as costas ao passado, a olhar de frente o futuro, a criar qualquer coisa de novo, e isso e mais a agitação que ele trouxe a um meio literário conformista, destituído de todo o vigor. A sua reação contra o conformismo, contra os falsos clássicos, tudo que se desprendia de sua pregação renovadora teve um efeito extraordinário em mim, constituiu um grande acontecimento. Creio que data daí o meu dinamismo literário e a minha alergia anti-acadêmica. O modernismo foi para mim libertação, foi o direito de ser o que desejasse, até mesmo um espírito sujeito aos clássicos, às regras, à boa conduta. O modernismo transformado em escola, em preconceito, o próprio preconceito de ser livre, só poderia provocar em mim o que de fato provocou: a reação. Daí ter eu escrito no Canto do Brasileiro:

Não quero mais o Brasil
Não quero mais geografia
Nem o pitoresco.

Fui um grande admirador, a princípio, de Mário de Andrade. Mas quando ele começou a criar um sistema, a querer inventar uma língua, a usar certas palavras, passei a achar graça, a não levar a sério o seu esforço. Lembro-me que uma vez, a convite de Filipe de Oliveira, fomos almoçar com Mário de Andrade, recém-chegado de São Paulo. Era então o Papa do Modernismo.

Havia nesses almoços, que se verificou em Niterói, Eugenia e Álvaro Moreyra, Jayme Ovale e eu, como convidados de Felipe. Jayme me disse ao ouvido, no automóvel: «Se ele (Mário) disser a palavra gostosura nós dois nos atiramos deste automóvel». Felizmente a palavra gostosura só foi pronunciada quando nos encontrávamos à mesa, a propósito de um arroz à Valenciana.

Levei muitos anos brigado com Mário de Andrade. Isso não impediu que ele, sem manter relações comigo, tivesse mantido com a maior nobreza um imerecido julgamento sobre as coisas que eu escrevia. Era um homem de grande altura moral, um sábio, a quem muito devi também no começo de minha vida.

Pouco antes de sua morte encontrei-o tendo ele convidado a Manuel Bandeira e a mim para almoçar. Guardo muito respeito à sua lembrança. Mas o Modernismo só podia representar para mim a possibilidade de seguir o meu próprio caminho e não o caminho dos outros.

ML: Não desejo fugir a certa ordem cronológica na apreciação dos diversos aspectos da vida brasileira, aos quais naturalmente se liga a própria evolução de seu espírito. Permita-me supôr, deixando a seu critério concordar ou con-

testar o que digo, residir na fase de sua formação, a que antes o senhor se referiu, a explicação para sua incompatibilidade com a revolução de 1930. Aceitando a ordem como coisa imutável, realmente lhe seria difícil compreender o surto revolucionário brasileiro. Mas, olhando agora os acontecimentos à distância, não lhe parece que a revolução de 30 representava, sob o manto do liberalismo com que se apresentou, um rompimento consequente com o passado, por força de contingências históricas, já que a sociedade rural e patriarcal entrava em declínio, aproximando-se daquele ciclo final iniciado com a queda da monarquia e o começo da República?

AFS: É possível que o ímpeto, o impulso de um Brasil diferente conduzisse o país para esse ponto de concentração, para esse marco que foi a revolução de 30. Os homens pensavam comandar os acontecimentos, quando eram comandados por eles, o que é uma constante da história. Quem assistiu, como eu, na sua primeira mocidade, os debates políticos que preludiam outubro de 1930, recebeu uma lição do que é uma revolução, mesmo uma revolução no estilo brasileiro, quer dizer, uma revolução moderada que é mais uma transgressão da fronteira da ordem do que uma revolução em si mesma. Assistimos, nós os moços de então, à pregação de doutrinas que foram imediatamente postas de lado quando vitoriosos os que por elas se batiam.

O horror à revolução, eis uma constante de meu espírito, eis algo de permanente em mim. Eu desejaria que o Brasil mudasse, que se operasse uma transformação, que tomássemos posse dos nossos problemas, mas dentro da ordem. Eu desejei, desde cedo, que houvesse uma mudança radical na concepção brasileira diante do fenômeno da evolução. Mas não queria, não aceitava, por instinto, que essa evolução se processasse por via revolucionária.

Em 1930, com vinte e quatro anos, eu não sabia quase nada. Mas tinha instintivamente horror à injustiça revolucionária e o desejo de que tudo se processasse por uma progressiva, harmônica tomada de consciência. Desejava que todos os brasileiros soubessem em que país estavam e que se lhes impunha um dever, que era o de desenvolver o seu país. Mas julgava mais útil que se lograsse alcançar esse objetivo, o objetivo do povo brasileiro, em sua realidade geográfica e em suas possibilidades econômicas, sem expor o país aos perigos das paixões e do irracionalismo revolucionário.

É possível que eu não tivesse razão e que, a longa distância, tenha sido melhor que as coisas tivessem acontecido como aconteceram; mas até agora continuamos a sofrer os efeitos da explosão revolucionária de 1930, do atentado à legalidade de Washington Luís, quase ao findar o seu período de governo.

Tudo isso não significa que a revolução não tenha precipitado muitas etapas do nosso desenvolvimento. A verdade é que não tínhamos ainda uma elite para dirigir o Brasil em 1930, como não temos uma elite para dirigir o Brasil nos dias de hoje. Tínhamos alguns homens, resta-nos alguns poucos hoje, mas muito poucos. Mas a verdade é que não temos quadros políticos para aguentar o Brasil de hoje, pejado de problemas de toda ordem.

A política brasileira tem agido em dissonância com a realidade. Quando chamo realidade não me refiro ao espírito prático, ao oportunismo, ao conformismo, que tem marcado as atividades políticas. Até hoje o Brasil não teve um partido político apoiado na realidade nacional; nem um só. A realidade é que o Brasil é um país que tem como sua missão no plano material o enriquecimento, como já disse durante longos anos numa pregação interminável e muito mal compreendida. A missão da política brasileira é a de

enriquecer este país, é a de tornar o Brasil dono de seu território, dono do Brasil, não dono em manchetes de jornais, em discursos nacionalistas, mas dono de fato, pelo confronto das riquezas jacentes. Ora, todos os partidos políticos, e atualmente todo o interesse eleitoral, está voltado contra o desenvolvimento, contra o progresso e contra o enriquecimento brasileiro.

ML: Propositadamente evitei referir-me até aqui à pessoa de Getúlio Vargas. Creio que se lhe coube a chefia da revolução de 1930 e a posse imediata do governo, só a partir de 1937, no entanto, ele começou a tomar firmemente em suas mãos as rédeas do poder e a dominar as massas. Assim me parece que o seu julgamento, como a sua projeção na história, será feita sobretudo tendo-se em vista os anos de ditadura, isto é, quando declina o liberalismo teórico e transitório em nome do qual se fez a revolução e o país entra no que me parece a fase das definições, que coincide com o período mais intenso da preparação da guerra e de toda a agitação mundial que a antecedeu.

AFS: Fui contra Getúlio Vargas revolucionário. Fui contra o Getúlio Vargas que introduziu na política nacional alguns métodos, que me pareciam destituídos de bases éticas. Fui contra o Getúlio Vargas que entregou postos de comando a tantos homens insignificantes. O primeiro movimento que derrubou Getúlio Vargas me encontrou entre os adeptos de sua queda. Um conhecimento posterior da figura de Getúlio Vargas aproximou-me muito desse homem, em quem acabei reconhecendo altas qualidades humanas e cujo drama final o encheu de grandeza diante de mim.

Recebi de Getúlio Vargas uma grande lição. O homem que me parecia um gozador do poder acabou se revelando ao meu espírito como um estóico. Ele errou e acertou, como todos os que ocupam o poder. Surpreendeu-me muitas vezes afirmando-me princípios e aspirações que eu não supunha hábitos em seu espírito. Gostava do desenvolvimento do país. Quatro meses antes de sua morte, numa entrevista em que ouviu de mim o mais sincero depoimento sobre a realidade nacional e sobre os perigos que corria, disse-lhe eu: «Lamento, Presidente, não ser seu amigo o suficiente para lhe dizer ainda muito mais. Já o conheci num tempo e numa situação em que não se fazem amigos. Ninguém pode ser amigo de um homem com que nos encontramos na chefia da Nação.»

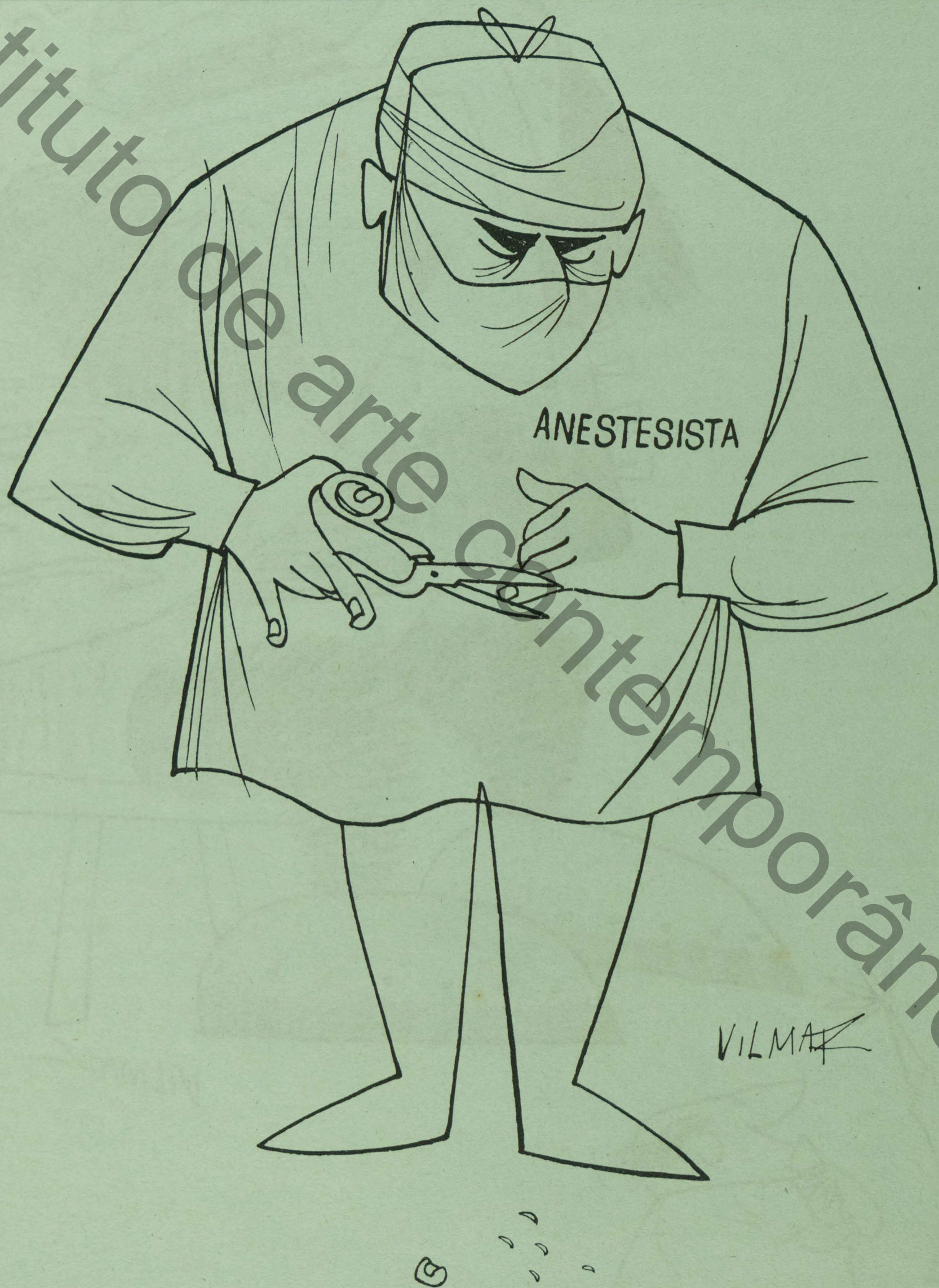
— Não penso assim — respondeu-me Getúlio; e acrescentou: Considero que é meu amigo todo aquele que ama o Brasil e se interessa pelo Brasil, como é seu caso. Gostaria de ouvi-lo com toda a franqueza.

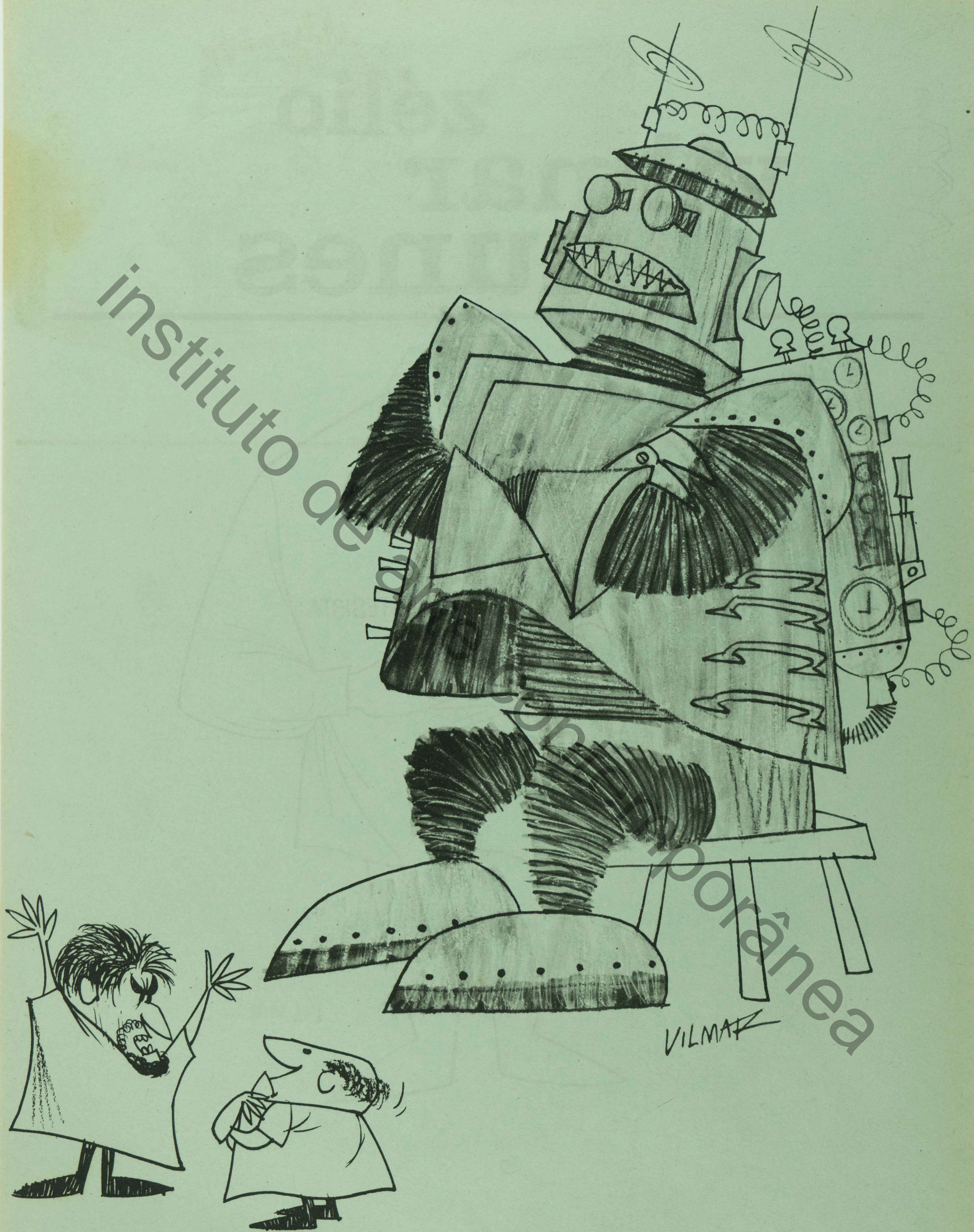
— Vou então ter com o senhor uma entrevista suicida. Uma entrevista que poderá fazer com que o senhor não deseje mais receber-me — disse-lhe.

Não tenho testemunha do que lhe declarei. Lembro-me apenas que nessa mesma tarde a dois filhos do Presidente repeti a conversa que tive com o pai. Foi uma conversa grave. Hoje sei que ele gostou da minha franqueza. Nada ou quase nada do que era preciso dizer-lhe foi poupado. O efeito, a ternura humana com que o Presidente me recebeu a 23 de agosto, às seis horas da tarde, na véspera dos trágicos acontecimentos que todos conhecemos, provou bem que ele era reconhecido à sinceridade do homem não político com que lhe falei, do homem verdadeiramente político com que lhe falei.

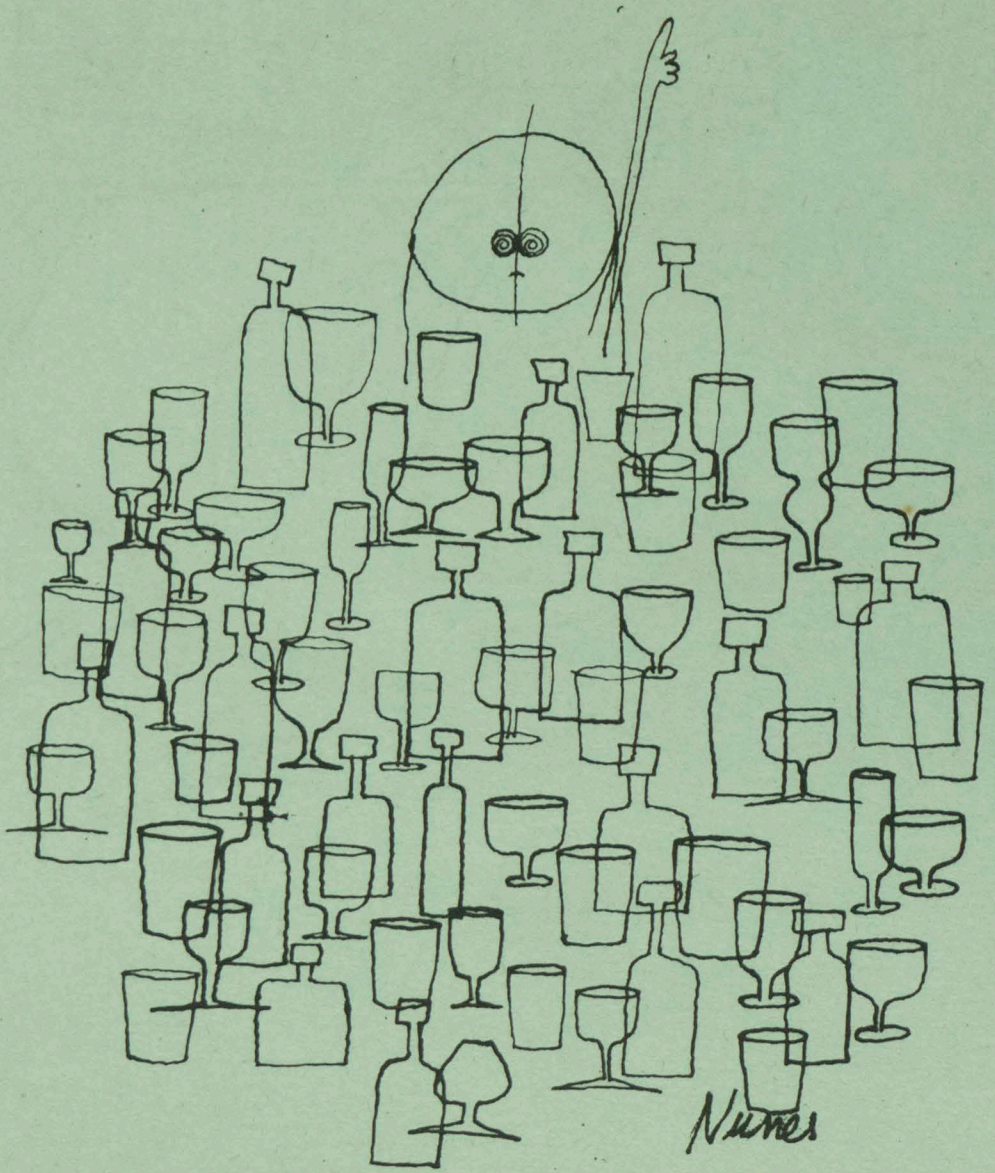
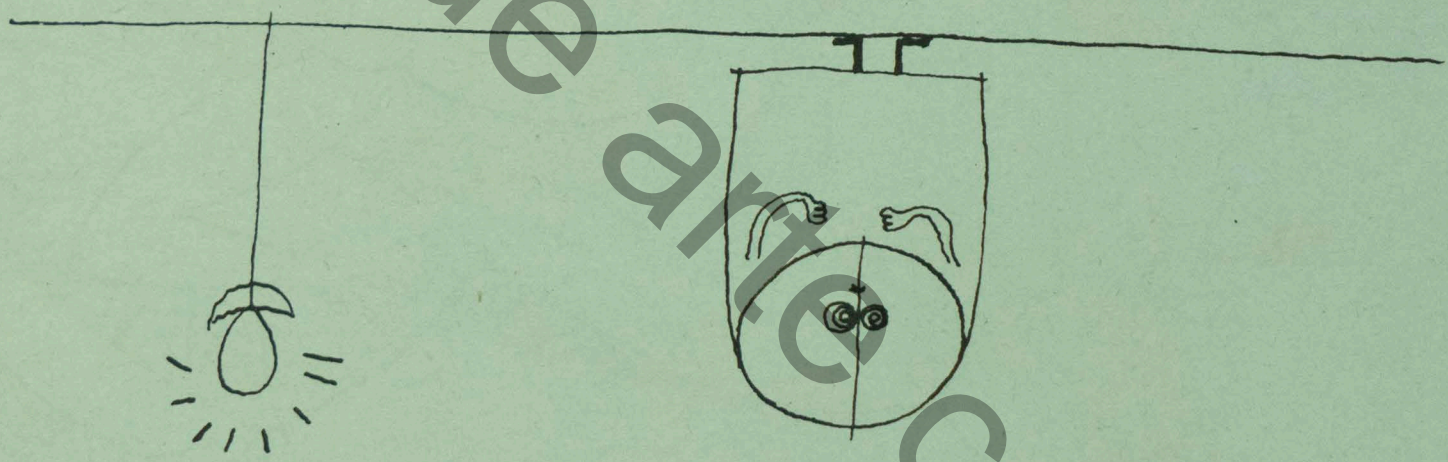
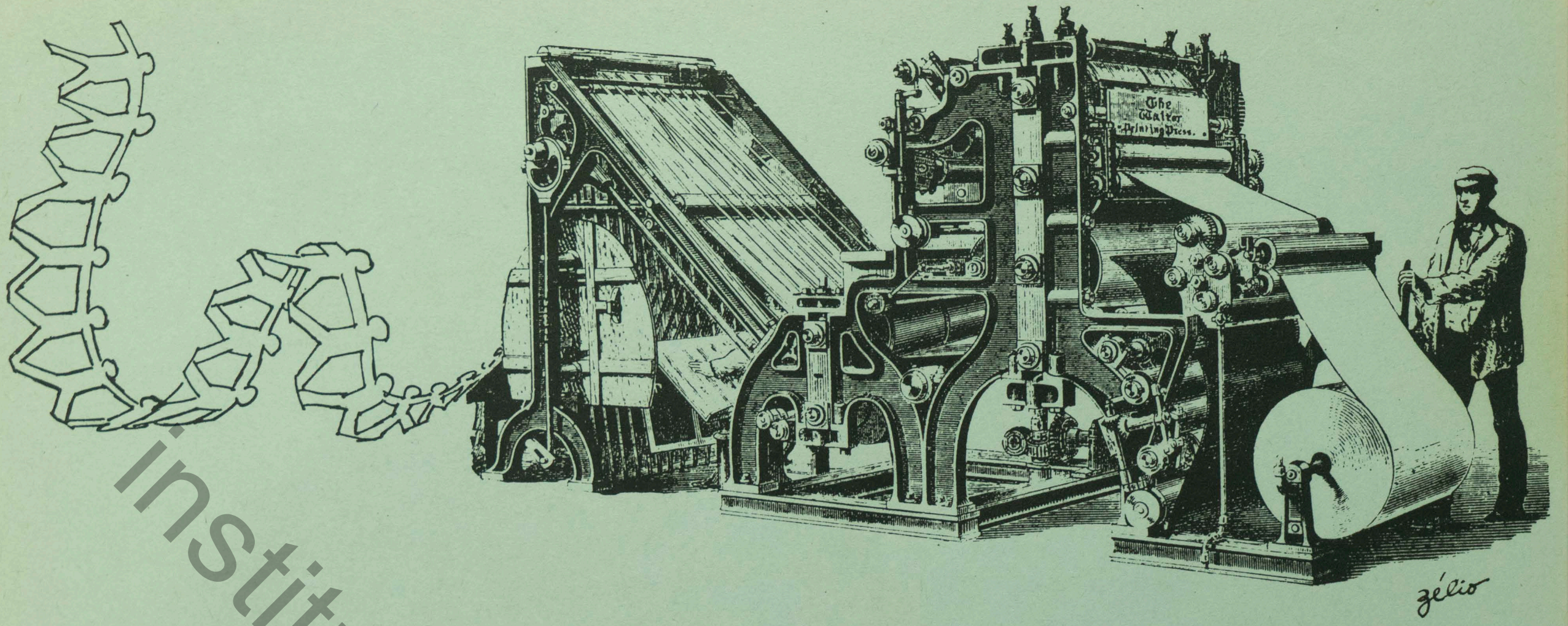
Getúlio Vargas, que me provocou tão contraditórios sentimentos, de quem tanto desejei que o Brasil se libertasse, me inspirava naquele instante uma espécie de sentimento filial incompreensível. Era um rei Lear, já era um rei sem corôa, um rei vencido como Peguy celebrou, um rei de quem abusaram, um rei tocado pela desventura.

zélío
vilmar
nunes

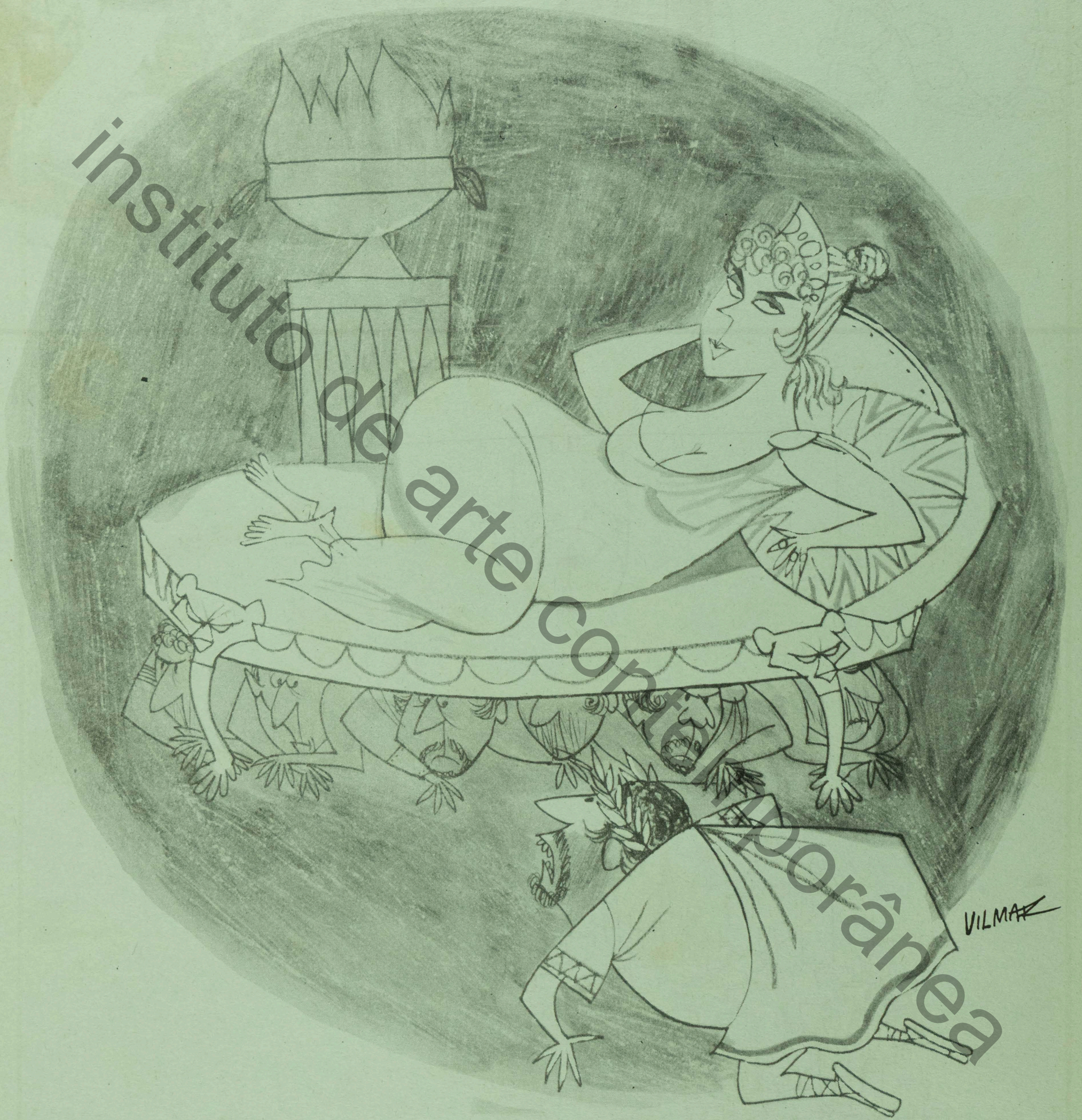




— Maldição! Só trabalha com participação nos lucros!...



- GARÇON, TIRA ÊSSE SUJEITO DAQUI!



- ATÉ TU BRUTUS?

revolução no governo



PROMOVER UMA MUDANÇA DE MENTALIDADE QUE ROMPA RESISTÊNCIAS DE VELHAS ESTRUTURAS E ABRA À SOCIEDADE PERSPECTIVAS DE PROGRESSO SOCIAL PELO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, CONSTITUI META DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DO GOVÊRNO DO RIO GRANDE DO NORTE.

EDUCAÇÃO

Quem quiser saber onde e como se processa no país uma autêntica revolução com implicações no complexo político e sócio-econômico, face às transformações estruturais, a indicação geral é o Nordeste e o lugar certo do «front» é o Rio Grande do Norte. É lá que se tem de vê-la em dimensão surpreendente, e é lá onde o nordestino mais se agiganta e mais se realiza como legítimo e consciente desenvolvimentista militante — destruindo o que é humanamente necessário destruir nos quadros anacrônicos do Estado, constrindo o que é preciso e urgente construir para a imediata conquista de novos e melhores padrões sociais, refazendo e remodelando o que ainda resta de prestável e de útil, e rompendo à força de trabalho planejado as até então intransponíveis barreiras das mais baixas e miseráveis condições de vida.

Pioneira em todo o Nordeste, a revolução norteriograndense processa-se em numerosas frentes, nas quais se identifica o objetivo histórico da transformação do «statu quo» regional e da implantação de uma infraestrutura capaz de oferecer condições básicas para uma superestrutura traduzida em diversificados empreendimentos industriais.

A primeira e grande frente reside na valorização humana através da educação — educação que alfabetiza, politiza e conscientiza o homem, libertando as suas forças produtivas; educação de adultos paralelamente à escolarização geral de tôdas as crianças do Estado em idade escolar (7 aos 14 anos); educação em todos os ciclos, desde o pré-primário ao nível universitário, êste formando contingentes para o profesorado exigido.

Foi por ela que se iniciou no Rio Grande do Norte a revolução continuada por etapas simultâneas e sucessivas. As primeiras experiências de alfabetização de adultos em larga escala lograram notáveis êxitos e sedimentaram métodos modernos de ensino, criando-se condições para colimar-se o marco número um da programação educacional a vencer-se ao fim de 1965: alfabetização de cem mil adultos e adolescentes, esforço que responderá aos princípios da Carta de Punta del Leste e marcará relevante índice em tôda a América Latina. Por isso, a educação é a base maior da revolução norteriograndense, valorizada no conceito realístico de que educar constitui um pré-investimento político e econômico, fundamental para o desenvolvimento do processo revolucionário que se procura dinamizar nos setores infraestruturais do Estado. Distinguem-se, com efeito, os projetos educacionais em execução daqueles de estrilo sentido assistencial e acessório que o Rio Grande do Norte, como, aliás, tôdas as unidades federativas do Nordeste, estava habituado a receber na forma de investimentos sociais de superfície e cujo objetivo era apenas impedir que a vida econômica e social rolasse além do nível de colapso.

Havia dois anos, riscava-se no Estado a linha fatal do colapso, traduzida neste vergonhoso quadro estatístico: mais de 65% de analfabetos; podendo-se afirmar que cerca de 80% da população ativa apenas sabia assinar o nome; das ... 250.655 crianças em idade escolar, as escolas estaduais só podiam atender a 55 mil, enquanto as municipais apenas a 27 mil e as particulares não abrigavam a mais de 28 mil, num total deprimente de 110 mil matrículas. O déficit de 140 mil crianças sem escola, sem nenhuma possibilidade de aprender a ler e escrever, representava mais da metade da população escolar. O Estado contava tão somente com ... 1.020 salas de aula, ocupando 826 prédios, dos quais 492 pertenciam a particulares. Daquele montante de salas de aula, 248 exigiam restauração, 263 precisavam de reparos, igual quantidade reclamava construção de cisternas, e 258 necessitavam de luz elétrica. O número de professores primários não excedia a 3.911, dos quais só 660 portavam diploma, e entre os restantes incluíam-se diaristas sem habilitação para o magistério e sem estabilidade funcional, reduzindo-se o número global a apenas 2.121 professores.

Em números mais expressivos, o Estado contava apenas com um professor diplomado para 480 alunos e um professor leigo para 80 matriculados. O caráter anti-pedagógico do ensino no Rio Grande do Norte estava, assim, à mostra nas estatísticas, que indicavam, ademais, a existência de apenas 16 Escolas Normais para a formação de professores e regentes e somente 3 Centros Educacionais; os índices da formação do professorado não entusiasmavam: em 1960, sómente 140 formandos; em 1961, não mais que 130. O decréscimo estava a exigir prioridade da formação de mestres no Programa de Educação que o Govêrno logo cuidou de elaborar.

Pesquisas e levantamentos gráficos resultaram em projetos isolados e justapostos que constituíram um realístico Programa, para cuja execução promoveu-se uma conjugação de esforços e recursos da Aliança para o Progresso (USAID-Brasil), da SUDENE, do Ministério da Educação e Cultura e do Govêrno do Estado, dela decorrendo a criação do Serviço Cooperativo de Educação (SECERN), com moderna dinâmica administrativa para aplicação racional das somas destinadas a cada projeto em prazo trienal. Com base no convênio firmado, o Secretário de Educação e Diretor Executivo do SECERN, jornalista Calazans Fernandes (recrutado da imprensa carioca, mas homem da terra), propôs-se a realizar: treinamento, formação e aperfeiçoamento do professorado (inclusive 3 mil leigos, monitores e instrutores); alfabetização de 100 mil pessoas acima da idade escolar primária; extensão da escolaridade a tôdas as crianças do Estado; construção de mil salas de aula (onde houver, no mínimo, 100 crianças em idade escolar e não atendidas, construção de uma escola com duas, quatro, seis ou mais salas, conforme a necessidade); iniciação pré-profissional através de oficinas de artes industriais; promoção de assistência alimentar, médica e dentária; distribuição de material escolar gratuitamente; revisão e elaboração dos currículos de ensino elementar e normal; reconstrução total da rede escolar já existente; valorização do magistério; intensificação de pesquisas e experiências sobre as condições regionais que possibilitem maior integração do aluno e de sua família na vida da comunidade. É um total de 474 prédios novos a somar-se à rede escolar, mais mil salas de aula para matrícula de crianças. As construções estão em ritmo acelerado, mais de uma centena já concluídas e equipadas para o currículo de 1964.

O plano de eletrificação em acelerada execução pela COSERN foi feito para sacudir o Estado dolorosamente marcado pela miséria e atraso da população, para ativar as riquezas dormentes, e constitui-se em arma do povo para o seu desenvolvimento econômico e social.

ELETRIFICAÇÃO

Deslocando-se constantemente pelo agreste, litoral e sertão norterio-grandense, e demorando-se ora à beira de uma açude quase a esgotar-se, ora sob fios que musculosas mãos estendiam sobre posteação nova e ora sob o sol causticante da caatinga agressiva, o visitante pode ouvir sempre repetido os cavos ecos dos gritos que há bem pouco tempo advertiram ser subversiva a ordem social nordestina, tendo em mente o que o Governador Aluísio Alves sublinhara em discurso no Recife, por ocasião da reunião ministerial de julho último: «O Nordeste já está em movimento. Já começa a avançar, vencendo as resistências residuais de consciências formadas no passado e entorpecidas pela imutabilidade secular. Nada mais o deterá na obra transformadora de estruturas obsoletas e iníquas.» Certo, estavam nos caminhos do visitante os feios e belos aspectos da velha e da nova situação do Rio Grande do Norte: de um lado, a estagnação deplorável dos quadros anacrônicos; de outro, a obra revolucionária em processo rápido revolvendo todo o Estado — só possível porque o próprio governante definiu-se em brados: «Não temos vinculações nem com a ordem feudal nem com a ordem capitalista em convívio no Nordeste. Queremos extinguir a primeira, e desejamos evitar a repetição de erros já apontados na ordem capitalista vigente ou passada em outros países ou regiões brasileiras de maior progresso... Não temos compromissos com o passado nem com suas estruturas tradicionais inadequadas. Pertencemos, desde agora, ao Nordeste futuro, transfigurado pelo inconformismo, e pelo desejo de vencer o desafio proposto.» Definindo-se, Aluísio definiu a sua resposta ao desafio do subversivo Nordeste num compromisso humano e político de lutar pelas reformas profundas na ordem social e econômica nordestina fundada na injustiça, na indiferença em face da justiça e no desespero diante da injustiça.

O visitante vê em realidade a dimensão da luta a que se dispôs, testemunha os efeitos da revolução pela educação do povo — de crianças, de adolescentes e de adultos — pioneira de uma série de revoluções pacíficas e democráticas, e compreende, também, que, sem a revolução da educação não seria possível ao povo usufruir os benefícios econômicos e políticos do desenvolvimento que já começa a esboçar-se no Estado, graças à eletrificação de municípios inteiros e mercê da aplicação de projetos que visam a alterar profundamente a estrutura arcaica na qual repousou secularmente um «statu quo» emperrante do progresso.

À época da posse do Governador Aluísio Alves, o Estado não possuía de seu um só palmo de fio esticado, um poste de pé para a transmissão da energia de Paulo Afonso, sendo imediatamente mantidos entendimentos entre o Governo estadual, a Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco (CHESF) e a Sudene para a execução de providências que permitis-

sem, com a chegada das linhas de Paulo Afonso, um rápido início do processo de emancipação econômica da terra potiguar. Um ano depois, a COSERN (Companhia de Serviços Elétricos, criada pela lei n. 2.721, de 14 de dezembro de 1961, e posta sob a direção do industrial Odilon Ribeiro Coutinho, hoje deputado), apresenta um rol de trabalhos já realizados que inspira confiança à iniciativa privada local para investimentos no Estado. Em dezembro passado, a luz de Paulo Afonso foi inaugurada em Natal.

O PLANO GERAL

Movimentando em 1962 importância superior a 250 milhões de cruzeiros, a COSERN atacou, prioritariamente, obras nas cidades de Santa Cruz, Tangará e Serra Caiada, segundo critérios técnicos do maior rigor e atualidade, e, hoje, aquelas cidades já estão eletrificadas e já recebem energia através de suas linhas de distribuição. Dotações da SUDENE e do Ministério de Minas e Energia, aplicadas segundo planejamento setorial de trabalho, possibilitarão em breve tempo energia farta, abundante e barata nas cidades de Parnamirim, Macaíba, Ceará-Mirim e Taipu. Quando os cabos condutores de energia de Paulo Afonso chegaram a Natal - agora em dezembro - aquelas cidades começaram a receber energia.

Aprazado para daqui a mais um ano há um projeto para construção de uma linha de transmissão de alta tensão, ligando Natal a Goianinha; desta cidade receberão suprimento as cidades de Arês, Nísia Floresta, São José de Mipibu e Monte Alegre. O projeto visa, ainda, a completar a cobertura de todo o leste norterio-grandense. «Mas vamos caminhar também na direção do sertão» — diz o Governador Aluísio Alves. «O ramal que parte de Santa Cruz para o oeste — a ser implantado pela CHESF — caminhará para Currais Novos, e a COSERN já tem preparados os projetos para a extensão às cidades do Seridó da energia do São Francisco. Constituir-se-á uma linha de alta tensão em Currais Novos e Acari, localizando-se, aí, uma sub-estação abaixadora de onde a energia será irradiada através de um sistema em forma de estrela para os municípios de Cruzeta, Jardim do Seridó, Parelhas e Carnaúba dos Dantas. Prepara-se, paralelamente, a COSERN, para iniciar a eletrificação da zona oeste do Estado, começando pelo seu trecho extremo. O fornecimento de energia a essa região se fará através de sistema chamado do sertão paraibano e que tem o seu centro gerador na usina do açude Coremas. A interligação desse sistema com o da CHESF está prevista para garantir o suprimento energético. A construção de uma sub-estação em Catolé do Rocha e a fixação de uma linha de transmissão dali para Alexandria, já tem a sua dotação creditada à CHESF, parte pelo Ministério de Minas e Energia e parte pela SUDENE.

À COSERN cabe criar as melhores condições para a realização física da vocação industrial do Rio Grande do Norte, e está, efetivamente, criando essas condições fundamentais com a execução de seu plano racional e metódico que permitirá o suprimento rápido e eficiente de energia farta e regular às diferenciadas zonas econômicas do Estado, possibilitando, assim, o desenvolvimento integrado. Avançando com suas linhas de eletricidade na direção do Oeste, do Seridó, da Central, do Vale do Ceará-Mirim e de Natal, a COSERN elimina o risco da elephantíase: agigantamento de uma parte do Estado e atrofiamento de outra. O desenvolvimento será uniforme.

Chegando a Natal e, ainda na pista asfaltada do aeroporto à cidade, pode-se testemunhar o esforço governamental em dotar a capital de uma infraestrutura sanitária capaz de satisfazer as melhores condições de vida urbana, atendendo, completamente, à sociedade, as exigências da população de 170 mil habitantes. Quem conhece Natal e dela guarda a noção de suas deploráveis deficiências de falta d'água e insuficiente rede de esgotos, há-de certamente corrigi-la, pois as obras de serviços públicos em execução acelerada terminarão em breve, e a cidade ganhará um novo padrão técnico de saneamento básico.

O problema de abastecimento d'água em Natal sempre constituiu um desafio aos governos, e expressava-se em números desanimadores: das 35 mil casas existentes, apenas 15 mil recebiam água, e assim mesmo durante poucas horas do dia. O Departamento Estadual de Saneamento parecia não existir, emperrado no índice do ridículo volume d'água distribuído: apenas 14.000 metros cúbicos por dia, acumulados em apenas cinco reservatórios e levados à população através da pequena rede de somente 15.500 ramais domiciliares. Por sua vez, a rede de esgotos mal atendia a 28,4% das necessidades urbanas, com seus 3.500 ramais em domicílios.

Não seria possível ao Governo Aluísio Alves atuar em termos de desenvolvimento social e econômico, projetando o Rio Grande do Norte como uma unidade federativa onde se empreendem revolucionárias tarefas de reformas estruturais, se não cuidasse, simultaneamente, da infraestrutura da capital, sobretudo considerando a taxa média de crescimento demográfico, cifrada em 5% ao ano, percentagem agravadora das deficiências sanitárias. E cuidou, promovendo convênios com a SUDENE, Aliança para o Progresso (USAID-Brasil), DNOCS, Banco Interamericano de Desenvolvimento e Banco do Nordeste. Assim, capacitou o Departamento de Saneamento do Estado a realizar moderno plano de abastecimento d'água e rede de esgoto. Em suas linhas gerais, compõe-se o plano, quanto à água, na construção da Adutora do Jiqui, cinco reservatórios com capacidade global de 10.750.000 litros, acréscimo de mais 5 mil ramais domiciliares e de mais 68 quilômetros de rede distribuidora. O recalque será da ordem de 25.000 metros cúbicos. Quanto à rede de esgotos, trabalha-se com afinco e metódicamente na construção de uma estação elevatória, de mais 5 mil ramos domiciliares, e ainda um acréscimo de 56.830m de rede. Após a conclusão da obra a cidade de Natal passará a possuir 238.000m de rede de abastecimento d'água, 86.830m de rede de esgoto, 20.500 ramais domiciliares de água e 8.500 de esgoto, e a beneficiar-se de 39.000 metros cúbicos de água por dia, servindo-se de dez reservatórios. O custo total das obras é de Cr\$ 325.000.000,00, resultantes de convênios, e mais US\$ 2.170.000,00 do B.I.D.. Até o ano 2.000 a cidade de Natal estará capacitada a atender à crescente população em sua exigência de água. A adutora do Jiqui, que soluciona totalmente o problema de água, é um marco de progresso urbano, e inclui-se nos resultados que dão ênfase ao desenvolvimento que se processa no Rio Grande do Norte. Aos serviços de abastecimento de água e esgoto foi dado o caráter de alta prioridade em Natal, entre outras razões, porque os serviços de saúde pública encontrados ao assumir o Governo eram todos defici-

tários, e a maioria da população vivia sem as mínimas condições de salubridade e higiene, apanhando água nos charizes públicos, em fontes sem tratamento e regatos, e rezando por chuvas. Tais condições explicam bem a alta taxa de mortalidade infantil — 428 por mil crianças nascidas, em 1960.

«Absoluta prioridade também têm, no meu Governo — afirma com ênfase o Sr. Aluísio Alves — o combate à mortalidade infantil e às manifestações helmínticas, particularmente nos núcleos populacionais de maior densidade. No setor de Saúde Pública, empenho-me em melhorar os serviços existentes e criar novas unidades, visando em todas elas um padrão uniforme. Convênios com a Fundação SESP, com o Fundo Internacional de Socorro à Infância e com a Organização Mundial de Saúde, expressam bem o nosso interesse e empenho quanto a programas de educação alimentar e inquéritos sobre hábitos de consumo e nutrição. Não descuidamos de nenhum setor para a implantação de uma infraestrutura que corresponda aos nossos projetos de desenvolvimento.»

HABITAÇÃO POPULAR

As frentes de trabalho transformador das velhas estruturas que se observa em todo o Rio Grande do Norte e que expressam um esforço revolucionário inspirado em princípios e métodos democráticos, resultam de um plano global de desenvolvimento econômico e social e nêle se identifica uma nova política com suas inerentes diretrizes. Essa política está, evidentemente, inserida nas linhas gerais do programa de desenvolvimento do Nordeste brasileiro, preconizado pela SUDENE, o qual tem como objetivo fundamental o desencadeamento rápido de um processo de industrialização. No Rio Grande do Norte, especificamente, êsse objetivo visa a deslocar o suporte da economia do setor agrícola para o setor industrial. Daí porque o plano global aludido visou, em primeira instância, desenvolver uma infraestrutura econômica e técnica, condição «sine qua non» a um processo racional de desenvolvimento. O primeiro passo foi dado em dois setores, como já vimos: educação e eletrificação. O Serviço Cooperativo de Educação (CESERN) e a Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte (COSERN) respondem pelos sucessos já obtidos. O Plano Rodoviário Quadrienal, em fase de execução, foi estruturado com vistas a uma maior integração das diversas zonas econômicas do Estado, umas já beneficiadas com a energia elétrica distribuída pela COSERN e outras em vias de sê-lo. Constitui-se numa das grandes bases do esforço desenvolvimentista.

A necessidade de se transferir da agricultura para a indústria o suporte econômico do Estado é demasiado evidente, por motivos simples: caracteriza-se o subdesenvolvimento da economia norterio-grandense pela baixa renda anual de sua população (inferior a 100 dólares «per capita»), 77% da população ativa trabalham na agricultura e desfrutam apenas de 48% da renda total produzida, o setor agrícola com quase 50% da renda do Estado. Ora, é fato indiscutível que nenhuma economia pode aspirar a melhores níveis de renda, tendo como base a agricultura e as atividades correlatas, e note-se que no espaço entre 1952 e 1960 a renda interna do Estado não aumentou a sua participação na formação da renda do país; só isso explica a estagnação e o atraso do povo norterio-grandense.

Os baixos níveis de renda gerados pela economia subdesenvolvida provocam, é certo, condições de vida as mais deprimentes, e refletem-se, principalmente, nos setores de maior necessidade: alimentação e habitação. O Governo, ao elaborar e pôr em execução o seu revolucionário plano desenvolvimentista, não perdeu de vista aqueles setores; ao contrário, cuidou de atacá-los seriamente. No setor de alimentos, por exemplo, foi anotada a instabilidade da oferta, que tende sempre a reduzir-se em face das péssimas condições climáticas e faz com que sejam importados muitos alimentos básicos, com desfavoráveis conseqüências sobre o nível de preços desses produtos, não só devido às grandes distâncias, como devido à ação dos «atravessadores». Em vista disso, o Governador Aluísio Alves criou a CAGERN, Companhia de Armazéns Gerais do Rio Grande do Norte, que vai dispôr em 1964 de três grandes armazéns no interior do Estado e que se destina a regularizar o abastecimento e a comercialização dos produtos alimentícios. É, também, da atribuição da CAGERN, eliminar a ação nefasta dos «atravessadores», financiar a produção e amparar os produtores. Nesse sentido, está em discussão um convênio de assistência técnica com a Aliança para o Progresso, visando a elaboração de um projeto pioneiro de irrigação do Vale do Açu, considerado o celeiro potencial de alimentos do Estado. Por outro lado, está em vias de ser efetivada uma experiência pioneira de colonização, que representa uma contribuição no sentido de provocar uma reformulação na atual estrutura agrária, sério obstáculo ao desenvolvimento industrial.

O setor habitacional reflete, igualmente, toda a conjuntura de subdesenvolvimento através das deficiências qualitativa e quantitativa das construções para a classe pobre. Só em Natal, o déficit existente chega a 31%, o que é, em verdade, uma taxa bastante elevada, mesmo sem levar em consideração o número de construções de alvenaria (que não apresentam sequer mínimas condições de habitabilidade), e que representam um déficit adicional da ordem de 20% sobre o total desse tipo de construção. Pode-se observar em todo o Estado a elevada percentagem de casas de «taipa»: «em Natal, 10.883 (para 24.177 casas de alvenaria); em Mossoró, 2268 (7.411 de alvenaria); em Caicó, 435 de «taipa» entre 2.729 de alvenaria; e em Macau, 500 de «taipa» e 2.420 de alvenaria. Nessas quatro principais cidades do Rio Grande do Norte os déficits de habitação espelham os baixos níveis de renda, e nem precisamos aludir às casas de palha, muito comuns na zona litorânea, e nas quais as condições de primitivismo são muito ampliadas.

Perante o problema habitacional, o Governador Aluísio Alves adotou o seguinte esquema de ação, delineado pela equipe de economistas do Conselho Estadual de Desenvolvimento: construção de 3 mil residências urbanas em nove cidades do Estado (Natal, Mossoró, Caicó, Macau, Areia Branca, Ceará-Mirim, Assú, Currais Novos e Nova Cruz), no prazo de 12 meses; melhoramento de grupos residenciais em Natal, como experiência-piloto — posteriormente, com a experiência colhida na execução dessas obras, o programa habitacional será ampliado, tanto para a construção de novas residências como para o melhoramento de grupos residenciais em outras cidades. Os recursos são originários da Receita não comprometida e de financiamentos internos e externos, a execução das obras ficará a cargo da Fundação criada pelo governo para esse fim específico.

A casa popular, no Rio Grande do Norte, atenderá as condições de conforto e higiene para as populações ao nível do salário mínimo. O programa geral compreende, outrossim, a implantação de serviços comunais (água, esgoto, energia elétrica, saúde, educação, recreação, comercialização, etc.). O esquema de pagamento das casas pelos compradores é da ordem de 20% sobre o salário mínimo da região, du-

rante o prazo do financiamento, que é, globalmente, de 1 bilhão e 200 milhões de cruzeiros, pagáveis em 25 anos a juros de 0,75% aa., sendo o tempo de carência de 5 anos.

AGRICULTURA

Voltado, essencialmente, para o mercado externo, com a agravante de que o saldo positivo das transações com o comércio exterior é decrescente, em face do mecanismo pelo qual se elevam os preços das importações e degradam-se os das exportações, o Rio Grande do Norte tem, ainda, como já sublinhamos, o seu suporte econômico interno no setor agrícola e atividades correlatas, o que contribui em alta escala para as características típicas de seu subdesenvolvimento. Tais características impõem, na verdade, a necessidade de se transferir da agricultura para a indústria o suporte econômico básico do Estado, porque a persistir-se nessa dependência, que vincula todo o sistema econômico ao setor agro-pecuário, o Rio Grande do Norte terá, sempre, uma economia vulnerável, sujeita a violentas perturbações, mais ou menos freqüentes, que contraem a renda total e depressim ainda mais os baixos padrões de vida da população. É de notar-se, sobretudo, que apenas 8% da área territorial do Estado é de solos cultiváveis e nessa baixíssima percentagem repousa a frágil agricultura. De fato, com 92% de seu território incluído na zona semi-árida, o Rio Grande do Norte sofre os efeitos negativos de um clima irregular e inseguro, onde o risco permanente da ausência de chuvas ameaça as colheitas e pode reduzir, como sempre reduz, violentamente, a renda total do setor agrícola, e frustra as possibilidades de emprego de 77% da mão-de-obra do Estado. O algodão, que, sozinho, representa cerca de 40% do total da renda gerada pelo setor agro-pecuário, e que é responsável pela maior parcela do emprego agrícola, sofre, nos anos da seca, bruscas reduções no volume físico da produção. Recorde-se que, em conseqüência da longa estiagem de 1958, a média de produção que se mantinha em torno de 28 milhões de quilos, baixou para apenas nove (9). Ademais, a alta concentração de renda, característica desse setor, aprofunda os graves desníveis sociais, tornando cada vez mais insatisfatórias as condições de vida da massa camponesa.

Eis porque a estrutura agrária do Estado expressa sério obstáculo ao desenvolvimento industrial. Mas, o desencadeamento de um processo rápido de industrialização, que visa a deslocar o suporte da economia do setor agrícola para o setor industrial, não implica em relegar a agricultura e a agro-pecuária a posição secundária, em deixar ao descuído esses setores.

Na estrutura da propriedade e nas atividades econômicas prevalentes no setor agrícola, encontram-se obstáculos fundamentais à dinamização do processo de desenvolvimento do Estado. Além da irregular distribuição de terras, predominando as propriedades de pequenas áreas, destinadas apenas à subsistência dos seus donos, observa-se a existência de uma população de mais de 800 mil pessoas dependente do setor agrícola, com acesso à terra condicionado ao pagamento de «meias», «terças» e outras modalidades de espoliação peculiares a uma estrutura anacrônica.

Ao afirmar o Governador Aluísio Alves que ao desenvolvimento econômico corresponde a expansão industrial, não

está êle assumindo uma atitude de descaso ou desinterêsse com os problemas do setor agrícola, e tampouco defendendo uma redução quantitativa na produção dêste setor. Com efeito, nas comunidades em desenvolvimento onde se desenvolve um processo de industrialização a curto prazo, é exatamente na agricultura que incidem mais fortemente os seus efeitos positivos. Exemplo da atuação firme e desenvolvimentista do Govêrno no setor agrícola foi a execução do plano de trabalho executado em 1962 — dentro da formulação do Plano Geral da Agricultura — com inversões específicas em silos, fenação, forrageiras, sementes, implementos, etc., e a execução de um projeto de construção de 11 açudes no interior, já concluídos, e reequipamento e perfuração de 14 poços tubulares.

No tocante a silos e armazens, a CAGERN (Companhia de Armazens Gerais do Rio Grande do Norte, efetivada pela Lei 2.769, de 9 de maio de 1962) administrará uma rede de serviços, visando a eliminar um dos mais sérios pontos de estrangulamento do setor agrícola, ou seja, o da comercialização.

Já em outubro de 1961, por ocasião da 1.ª Exposição de Produtos, promovida pela Secretaria de Agricultura, nove meses após a sua posse no Govêrno, o Sr. Aluísio Alves aludia à «excecrável estrutura agrária» do Estado, anunciando o pulo de 30 para 230 milhões na consignação das despesas do Orçamento no título Agricultura, e divulgava os pontos (6) fundamentais da Lei Agrária Estadual. E um ano depois, na 2.ª Mensagem Anual enviada à Assembleia Legislativa, já apresentava cristalizada a sua disposição de reforma estrutural do setor agrícola, que exigia obras de irrigação, correção de solos, perfuração de poços, planos integrados de saneamento, transporte, colonização, enfim, exigência de uma nova política agrária de valorização rural — hoje perfeitamente definida e que, na Exposição recente do mês de outubro, mostrou os resultados práticos do incremento da produção em decorrência do combate às pragas do algodão e dos rebanhos, da melhoria da semente do algodão Mocó, da campanha de fenação, plantio de algaroba, cardeiro e palma, melhoria técnica do trabalho agrícola, mercê de financiamento de material apropriado, recuperação do Campo Experimental, ampliação de açudes (por exemplo, em Angicos, o de 700 mil m³ passou a ter capacidade de 4.000.000; o de Serrinha dos Pintos, em Martins, passou de 500 mil m³ para 2.500 mil — estava arrombado havia 41 anos). Criou o Govêrno a mentalidade de que a Secretaria de Agricultura funciona, realmente, e constitui-se num órgão de investimentos.

Percorrendo os «stands» da Exposição, pode-se sentir que, enquanto se cuida de deslocar do setor agrícola para o industrial o suporte econômico do Estado, ao mesmo tempo cuida-se da reforma estrutural da agricultura, visando a uma sólida economia rural.

CASOL, TELERN, CIDADE CAMPESTRE, HOTEL

Com a quase totalidade de sua área incluída no «polígono das secas», apenas contando com 8% de terras úmidas, cultiváveis, o Rio Grande do Norte tem, como já vimos, a sua economia baseada essencialmente na exploração de setor primário, representando a agro-pecuária 46% na formação

população ativa. Esta situação de sub-desenvolvimento, que o Govêrno procura corrigir com as medidas de infra-estrutura já aludidas, torna-se mais característica diante da escassez da água e da pobreza de solos, problema que a CASOL (Companhia de Águas e Solos, criada pela Lei 2.817, de 27/2/63, com 100 milhões de capital, integralizado pelo Govêrno do Estado e pelas Prefeituras Municipais de Angicos, Pedro Avelino, Florânia, Santana do Matos, João Câmara e Lagôa Nova) visa a solucionar, com a execução de um programa a longo prazo. Como atividade inicial da CASOL registra-se o levantamento das disponibilidades de águas subterrâneas na região conhecida como «Mato Grande», tipicamente arenoso, e onde a semi-aridez penetra até o litoral; a área de «Mato Grande» atinge vários municípios, é praticamente inabitada e a sua agricultura restringe-se à pequena cultura do algodão e à formação de campos sisaleiros. Técnicos israelenses deverão empenhar-se com brasileiros, na execução do programa da CASOL, que implica em estudos, pesquisas e serviços de prospecção, captação e distribuição de águas, análise e aproveitamento de solo, e já cuidam de perfuração de poços em Serra de Santana e «Mato Grande». Surgiu, aliás, de um relatório preliminar elaborado por técnicos de Israel, que realizaram estudos sôbre as possibilidades de aproveitamento de águas subterrâneas, através da perfuração de poços tubulares, e de águas pluviais em determinadas regiões, a criação da CASOL, que, diante da complexidade de suas atividades, para as quais exige-se equipamento e técnica altamente especializadas, e da insignificância de seu capital, visa a colaboração de organismos nacionais e internacionais. Nesse sentido, já promoveu um estudo sôbre as pesquisas prioritárias e o submeteu à consideração da SUDENE, atendendo à necessidade de recursos suplementares para financiamento de suas atividades.

instituto de arte contemporânea

TELERN: INTEGRAÇÃO DAS COMUNIDADES

Uma das mais relevantes obras em execução no Rio Grande do Norte visa a interligação, pelo sistema interurbano, em transmissão e recepção por micro-ondas, numa frequência média de 300 megaciclos, de cidades do interior do Estado (Macau, Areia Branca, Mossoró, Caicó, Currais Novos, Cêro Corá — através de repetidora) com Natal. Delas incumbem-se a TELERN (Companhia Telefônica do R. G. do Norte), cujo programa, aprazado para um ano e meio, inclui a interligação do Estado, pelo mesmo sistema rádio-telefônico, com a Paraíba, Pernambuco e Alagoas; e para um prazo de dois anos a interligação com todos os Estados do Brasil. Setenta por cento do material a ser empregado pela TELERN já estão em Natal, e a parte restante chegará neste trimestre.

CIDADE CAMPESTRE

Em Jiqui, 14 quilômetros de Natal, com estrada de acesso, onde prosseguem as obras da adutora para abastecimento

de água da capital, uma cidade campestre auto-financeável está em formação numa área de 584 hectares, loteada em 300 partes para granjas de um a dois hectares. Cento e cinquenta já estão vendidas (ao preço médio de 700 mil cruzeiros, prazo de 40 meses). Às margens da Lagôa do Jiqui o Governo projeta construir um Centro Comunal com escola, mercado, pôsto de gasolina, igreja, restaurante, piscina, sauna e outros empreendimentos sociais. Tôdas as granjas — que estabelecerão o «cinturão verde» da cidade de Natal — receberão energia de Paulo Afonso (posteação em andamento) e rede de água e esgoto, e seus moradores contarão com linha de transporte coletivo.

HOTEL DOS REIS MAGOS

Um hotel de classe internacional era uma das deficiências sociais de Natal. Agora, entretanto, está sendo construído à beira da Praia do Meio o Hotel dos Reis Magos, com quatro pavimentos, obra iniciada dia 13 de novembro e a concluir-se a 16 de dezembro dêste ano de 64. Seus 63 apartamentos serão todos de frente, e comunicantes. Será um hotel de luxo, incluindo-se no índice de conforto: salas de sauna e massagem para homens e mulheres, lavanderia, salão de beleza, barbearia, salão de leitura, salões de estar, restaurante, bar, cozinha internacional, piscina (com terraço, vestiários e bar próprio), play-ground, estacionamento para automóveis, telefone em todos os apartamentos.

instituto de arte

No Rio Grande do Norte, pedaço do Nordeste brasileiro, acontece uma revolução. Não a revolução dos pobres contra os ricos, nem dos pretos contra os brancos, ou proletários contra os empresários. É a revolução de todo o povo, de toda a população, comandada por um jovem governador, contra uma infraestrutura em ruína, contra uma administração acomodada com um passado apático. É a revolução do planejamento, da industrialização, do rompimento com a ordem feudal e o subdesenvolvimento.

Donos de um Estado rico em minerais e grande produtor de matérias-primas, os habitantes do Rio Grande do Norte empenham-se numa luta decisiva pelo aproveitamento de suas reservas, num esforço por melhores condições de vida, pela melhor distribuição das riquezas, por maiores oportunidades de emprego, por mais educação para o povo. Essa luta começou há três anos. É uma luta organizada. É uma conspiração planejada contra a miséria, pelo desenvolvimento social econômico da comunidade.

Eletificação, transporte e educação, são as principais coordenadas da revolução organizada pelo governador Aluizio Alves, que orienta seu esforço pela recuperação do Estado, oferecendo vantagens excepcionais às indústrias que pretendam instalar-se no Rio Grande do Norte.

Além das facilidades oferecidas pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, a CODERN — Companhia de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, criada para planejar e orientar os investimentos que modificarão a estrutura econômica do Estado, concebeu um esquema que oferece condições extraordinárias à implantação de um grande parque industrial no Estado.

O governo aplicará, até 1965, 14,5 bilhões de cruzeiros em um programa de eletrificação, fornecendo energia à região do Estado onde está concentrada a produção de matérias-primas e empresas industriais. Oitenta municípios serão beneficiados. O governo, através do Banco do Nordeste do Brasil e com apoio do governo federal, apoiará financeiramente os investidores, proporcionando, inclusive, isenção de impos-

tos estaduais e municipais, além de isenção de cobertura cambial para a importação de equipamentos novos.

As novas empresas instaladas no Rio Grande do Norte, terão dispensa especial de pagamento do imposto de renda. O BNDE proporcionará financiamento e aval para aquisição de equipamentos e execução dos projetos industriais. O Governo do Rio Grande do Norte doará terrenos, onde já foram executadas obras de saneamento e abastecimento de água.

O plano de obras rodoviárias do Governo Federal está sendo complementado por um programa de obras do Governo Aluizio Alves, ligando os centros produtores do Estado aos centros consumidores e ao litoral. Os portos de Areia Branca e Macau, escoadouros da produção de sal, além do reaparelhamento do porto de Natal, terão suas obras concluídas em 1965. O Governo do Estado já aprovou a construção de um porto pesqueiro.

O Rio Grande do Norte, maior produtor de sal, no país, é também um dos grandes produtores de babaçu, produz o algodão «seridó», o melhor do mundo, e é grande produtor de cassiterita, quartzo, mica, feldspato e berilo. O sisal, a mandioca, o côco, o caju e o maracujá, oferecem possibilidades para instalação de uma grande indústria de transformação, capaz de abastecer todo o mercado consumidor do Nordeste. A industrialização da pesca pode levar o Rio Grande do Norte a exportar seus produtos para todo o mundo. A pesca da lagosta, oferece possibilidades inestimáveis ao Estado.

Todo o esforço do Governo Aluizio Alves tem um suporte — o programa de educação. Em três anos será erradicado o analfabetismo, através de um convênio do Estado com o Ministério da Educação, a SUDENE e a Aliança para o Progresso. Três cidades industriais estão sendo construídas. O programa prevê a construção de dez ginásios industriais. Ao terminar o período do atual Governo, o Rio Grande do Norte terá à disposição da indústria, além da mão de obra barata, um corpo de operários especializados.

O senhor que é frequentador ocasional de boites, não fique em pânico quando o lugar estremecer ao som de um ruído estranho e todos se levantarem de um pulo. Em vez de correr para a saída, olhe para a pista de dança — facilmente identificável pela falta de uma mesa. Vamos, não fique tão espantado. Não conhece a nova dança?



STEFAN WOHL

hully - gully

Sim, êste grupo que está formado com tanta precisão, vai executar o Hully-Gully. Agora só se dança isto.

Para aprender, fique observando o grupo ao centro. Veja como democraticamente é eleito um presidente que imediatamente começa a berrar ordens:

— Pé esquerdo. Todo mundo levanta o pé esquerdo e vamos começar para a direita. Um... dois... três e...

Observe que a ansiedade a esta altura é tanta que uma senhora de mais idade, mas nem por isto de mais vergonha, dá a saída em falso e o alinhamento tem que começar de novo. O presidente pede demissão no que é prontamente atendido, surgindo um jovem em seu lugar que, sem esperar nova eleição, dá o golpe, tornando-se ditador. Tudo começa a funcionar e o Hully-Gully toma conta da boite. A sua garôta aprende só de olhar, e já está na fila esperando uma vaga para poder entrar. E o Senhor? Está sentado sozinho à mesa, tentando decidir qual das duas é a sua perna esquerda. Vamos, confesse.

Não desanime. Nem todos os brasileiros sabem dançar. Contam o caso de um que voltou da Europa sem ter inventado um passo sequer de bossa-nova para ensinar aos continentais. Viu?

Mas samba e bossa-nova já estão ultrapassados. Hoje o Senhor só precisa saber o Hully-Gully para ser popular. E é fácil! Olhe, faz o seguinte: compre o disco e pratique em casa. Num instante aprende.

Ótimo. Agora com o disco vai ser muito mais fácil. Esqueça a família, esqueça tudo. Tranque-se no quarto, ligue a vitrola e vamos ao ensaio.

Nem duas horas se passam e o senhor já é um craque em cambalear para os três lados e tropeçar para a frente. Está progredindo bem. Um obstáculo: o senhor descobre que não sabe estalar os dedos. Quer desistir de tudo. Não faça isto. Esnobe: bata palmas. Dá no mesmo. Continue.

Quando o vizinho do 502 telefonar para avisar que pretende descer para a «festinha» trazendo uns «chapas» seus do 20.º distrito, é hora de parar. O senhor não tem mais nada para aprender. Vá dormir socegado e sonhe com Gene Kelly. Ele também sonhará com o senhor. Pudera.

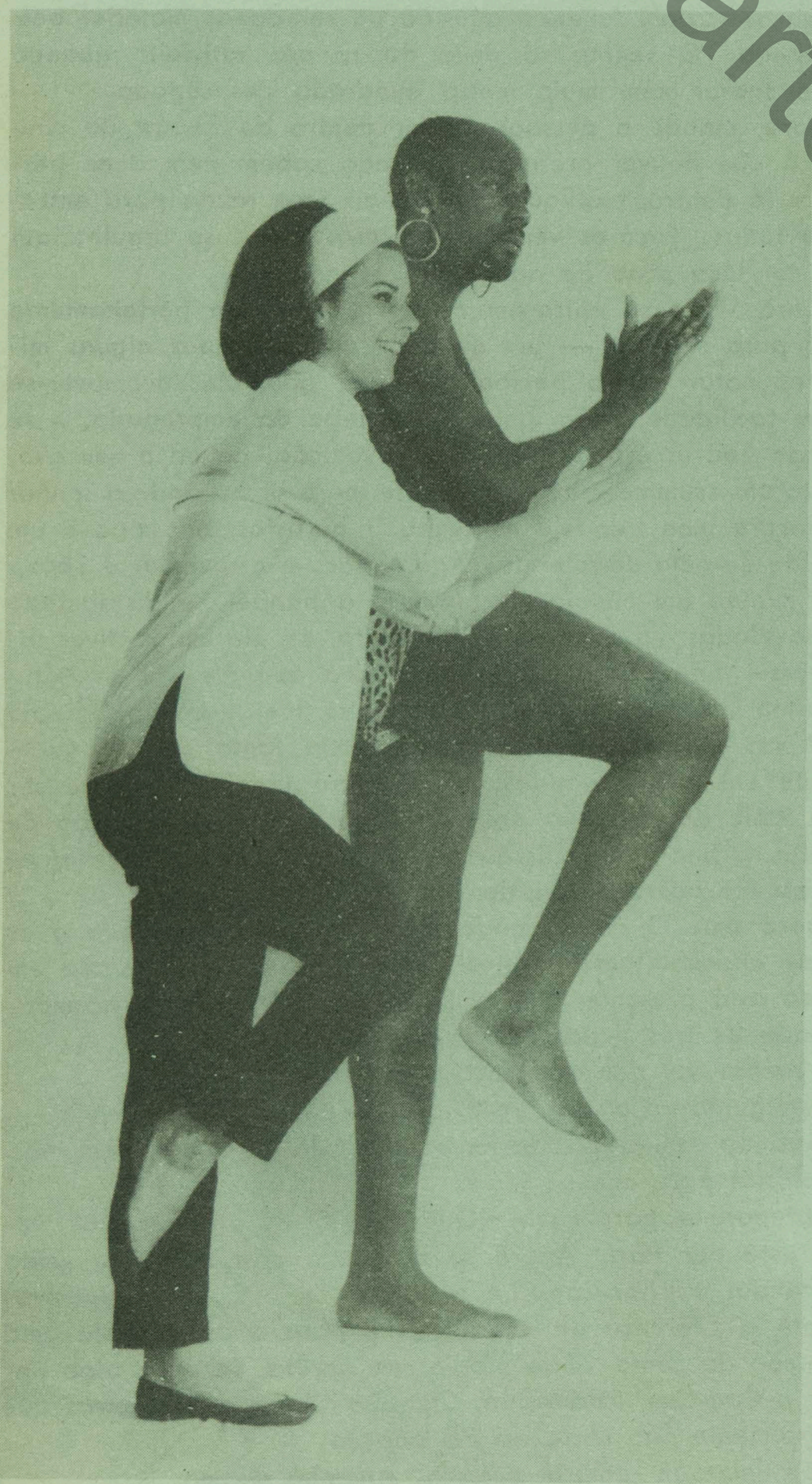
E' o seu dia de estréia. Aos primeiros acordes do Hully-Gully na boite, o senhor já está no centro da pista. Na sua ansiedade, esquece de trazer uma parceira, o que tratandose desta dança não tem realmente muita importância. O ideal naturalmente é poder contribuir com umas dez garôtas, já que a formação perfeita é de 25 pessoas — 5 grupos de 5 — seguindo-se em ordem decrescente os grupos ideais de 16, 9 e 4 que é o mínimo aceitável. A vantagem dos grupos ímpares é que pode haver gente desacompanhada assim mesmo não quebrando a harmonia da composição.

Coloque-se em posição e fique esperando impacientemente que os outros se ajustem. Sinta-se seguro para o que der e vier. Tente esquecer que é a sua noite de estréia; os outros logo lhe lembrarão. Preste atenção, a saída já foi dada. Custe o que custar tente colocar-se novamente na mesma posição dos outros. O senhor consegue e dá os primeiros passos para a direita; a menina do seu lado uiva de dôr e com a fôrça do chute até o senhor chega a sentir uma dôr aguda na ponta do pé. Com as desculpas, perde toda a sequência da esquerda e só entra na formação novamente no último passo para a frente, mas atraza-se um pouco e é violentamente pisado pelo cara à sua frente que ainda reclama pela sua falta de ritmo. A esta altura a pista é invadida por mais um grupo, assim que ficam umas 25 pessoas ao centro, das quais 24 acertam e o senhor não. Os passos que dá são largos demais, os seus movimentos demasiado lentos. Os dançarinos agora estão quase parados, executando os movimentos de dança apenas com o corpo para poupar espaço. O senhor continua distribuindo pontapés para todos os lados, menos o certo e como não traz garôta para lhe defender é expulso da pista antes do término da primeira música.



instituto de arte

contemporânea





Sentiu o drama? Mas, não desanime. Agora sabe o que está errado, apto portanto a fazer as correções. Aprender sozinho não dá certo. Chame 4 casais amigos seus para a sua casa e tente de novo. Se seguir as instruções abaixo, vai dar certo.

Esqueça-se do quarto e ensaie no banheiro, porque é o lugar dentro de casa que mais se assemelha a uma boite. Antes de começar, faça umas pequenas adaptações: Primeiro, apague a luz, e depois feche a janelinha para não deixar entrar nenhum ar. Prossiga abrindo as torneiras para

simular vozes — água fria para os homens e quente para as mulheres, que você deve deixar jorrar um pouco mais forte. Em seguida, coloque várias mesas e cadeiras pelos espaços vazios, fazendo questão de selecionar material bem pontudo. O senhor só deve dar-se por satisfeito quando não sobrar nem meio metro quadrado desocupado.

Agora, mande o pessoal formar dentro do «box» do chuveiro. Se houver protestos que não cabem nem duas pessoas lá dentro, explique que é mais uma razão para entrarem todos. Faça-os ver que inúmeras boites se orgulhariam de ter uma pista de dança tão espaçosa.

Pronto. Não só entraram os nove, como dá perfeitamente até para respirar — um de cada vez. Se após alguns minutos notar que o pessoal continua podendo locomover-se com facilidade, mude para o banheiro da empregada, e se ainda houver espaço, só há uma solução: pegue o seu avô, vista um «summer» nele, e levante-lhe o braço onde o senhor colocará uma bandeja contendo 3 garrafas, um copo e um balde de gelo derretendo. Agora, faça-o atravessar o «box» de minuto em minuto, carregando a bandeja e distribuindo cotoveladas (a cinco cruzeiros cada, se êle ainda tiver interesses financeiros). O senhor verá que êle vai se entusiasmar pela coisa e terá uma noite inesquecível. Um dia êle vai confessar que não se divertia tanto desde aquela noite em 1917 quando... Por outro lado, faça-o desistir da idéia de deixar a aposentadoria e tornar-se garção de boite. Afinal, a profissão não é tão rendosa e agradável como êle passa a considerá-la.

Agora sim. O senhor pode entrar na boite adotando o ar mais «nonchallant» possível. Que beleza; a sua turma em pêso está presente. Até o Ricardinho «Programa» acompanhado de três lindos brotinhos está lá.

O senhor vai dar um «show».

À pergunta: «Como é, você já aprendeu a nova dança?» — responda desinteressadamente: «O Hully-Gully não tem mais mistérios para mim.»

E prepare-se para ouvir: «Que Hully-Gully o quê, rapaz, você está por fora. Agora só se dança esta aqui que estão tocando: o Char-Can-Cha.»

Note a diferença de ritmo e olhe para a pista. Veja uma porção de gente, entre êles a sua garôta, fazendo algo entre o Can-Can, Charleston, Chá-Cha-Cha e certas coisas que geralmente não se fazem em público.

Não deixe de comprar o disco. Amanhã mesmo.



Aquêle "algo mais" que a SHELL lhe dá

Evidentemente, não chegamos a tanto... mas, ao parar num Pôsto Shell - centenas dêles encontram-se às suas ordens, de norte a sul do país - você obtém algo além de bons produtos e bons serviços. Você adquire a certeza de uma viagem tranqüila. Porque a SHELL lhe oferece o que você pode exigir de melhor e a segurança de ser recebido por gente que entende e gosta do que faz. Na hora de abastecer, pare num Pôsto Shell - e obtenha aquêle *algo mais* que a Shell lhe oferece: uma profunda e justificada sensação de confiança.

VOCÊ PODE CONFIAR

NA



**MEIO SÉCULO
DE EXPERIÊNCIA
E BONS SERVIÇOS
NO BRASIL**

Τό σιγαρέττον μέ τήν διεθνῆ προβολήν. *



PARTHENON - GRECIA

Em qualquer idioma, a expressão define a qualidade:
*um cigarro de agrado internacional


minister

KING SIZE • FILTRO DE LUXO
CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ